

Um primeiro passo



**«Assim como o Pai Me enviou, Eu vos envio a vós»
Jo 20, 21**

Vamos dar início a mais um ano litúrgico e gostávamos de saber se o Caderno de Oração ajuda o seu dia-a-dia. Envie-nos a sua opinião!

Se preferir receber o caderno por e-mail ou pelo correio ou se conhece alguém que gostasse de o receber, envie um e-mail para: cadernodeoracaovd@gmail.com

O Caderno de Oração está disponível em formato PDF no site da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa:
lisboa.verbumdei.org

Equipa do Caderno de Oração
da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa:

Andreia Alexandre
António Azevedo
Cristina Mesquita
Filipa Ramalhete
Francisco Valles
Joana Galvão Teles
João Ricardo Moreira
Manuela Cerejeira
Marta Valles
Paula Mourão
Paulo Porto
Paulo Vieira
Pilar Bazo (Missionária VDei)
Sofia Palminha
Pe. Valter Malaquias
Ventura Adrover (Missionária VDei)

Comentários e sugestões para:
[**cadernodeoracaovd@gmail.com**](mailto:cadernodeoracaovd@gmail.com)

Um primeiro passo

4	INTRODUÇÃO
	PARTE I Advento
10	1 Dezembro - Domingo I do Advento
15	8 Dezembro - Imaculada Conceição
16	8 Dezembro - Domingo II do Advento
20	15 Dezembro - Domingo III do Advento
24	22 Dezembro - Domingo IV do Advento
	PARTE II Natal
32	25 Dezembro - Natal
38	29 Dezembro - Sagrada Família
42	1 Janeiro - Santa Maria Mãe de Deus
46	5 Janeiro - Epifania
51	12 Janeiro - Batismo do Senhor
56	19 Janeiro - Domingo II do Tempo Comum
59	26 Janeiro - Domingo III do Tempo Comum - Domingo da Palavra
	PARTE III
64	Introdução
65	Bodas de Prata de Casal Missionário
72	Missão Verbum Dei em Oliveira do Hospital
78	Próximas atividades da FaMVDei Lisboa

“Um primeiro passo” soa-me a envio

Aparentemente, um passo não é nada, mas é o começo que nos motiva; um primeiro passo pressupõe começar uma atividade extraordinária:

- Ouvimos o chamamento para sair, poderíamos ter feito “orelhas moucas”, mas decidimos aceitar a proposta.
- Sem pensar muito, temos de sair do conforto, da estabilidade, das ideias de sempre, da segurança...
- E está na hora de nos pormos a caminho, dar um passo a seguir ao outro, procurar caminhos, escolher os atalhos, não fugir das subidas, alegrarmo-nos com as descidas.
- Não nos esqueçamos de olhar à nossa volta, de ver se caminhamos com outros que tenham recebido o mesmo chamamento, conhecê-los, partilhar os seus sentimentos, talvez de medo ou de incerteza, de admiração, de satisfação, de necessidade de ajuda, e – porque não – de tristeza ou de medo. Estejamos dispostos a ajudar e a deixarmo-nos ajudar.
- Continuar, olhando, à volta, a paisagem que nos fala, mesmo que seja uma terra seca, que comove o coração, ou terras áridas, que precisam de esforço para darem fruto. Paisagens arborizadas, que nos serenam, nos dão paz e nos convidam à interioridade. Também é bom encontrar terras cultivadas, que nos falam do trabalho do homem, do bom solo, do alimento garantido, da água que dá vida, do sol que estimula o crescimento, do vento que fortalece...
- Não deixar de olhar em frente, não esquecer o objetivo. Ir por ir, sem motivo para andar, sem saber se vamos para algum lado, muitas vezes significa estar perdido, andar mais do que é preciso, cansaço, chegando talvez a desistir.

- Os últimos passos do caminho, atingindo a meta, chegando juntos, cansados, mas felizes, proporcionam grande alegria, que se transforma em saltos, em cantos, em abraços e, às vezes, em lágrimas. Cheguei aonde fui enviado.

É assim que Jesus nos chama e nos envia em missão, assim viveu Ele, ao sentir-se enviado pelo Pai. Assim foi o seu caminho por terra da Judeia, da Galileia, da Samaria. Viu campos de trigo (Mt 13, 24), lugares secos com um poço (Jo 4, 10), lagos com pesca abundante (Lc 5, 1-5), árvores que não davam fruto (Lc 13, 6-9), vinhas que precisavam de trabalhadores (Mt 20, 1-16), desertos que fazem duvidar de tudo (Mt 4, 1-11), precipícios assustadores (Lc 8, 33). Nestas paisagens, lugares e encontros com pessoas, Jesus foi descobrindo por onde, a quem e como era o seu envio.

Neste Advento, celebremos a vinda de Jesus. O Pai continua a enviá-Lo e Ele continua a aceitar o desafio, não se cansa de nos mostrar que é *“O caminho, a verdade e a vida”* (Jo 14, 6), que quer continuar a dizer-nos que *“Assim como o Pai Me enviou, Eu vos envio a vós”* (Jo 20, 21)

Jesus vem para nos dar uma missão, e não é uma missão qualquer, mas a Sua própria missão, que o Pai lhe confiou: *“Venho para que tenham vida e uma vida em abundância”* (Jo 10, 10).



Senhor, ensina-nos a rezar!

PASSOS PARA A TUA ORAÇÃO

1. PREPARAÇÃO DA ORAÇÃO

- **Põe-te na Sua presença**, com total abertura, confiança, humildade e gratidão. Se te ajuda, podes começar por dizer algum salmo ou oração (por exemplo, *Ó Deus, Tu és o meu Deus! Anseio por ti! A minha alma tem sede de ti... Salmo 63*).

- **Oferece a tua oração por pessoas concretas**, tem-las presentes durante toda a oração, para teres consciência de que o que Deus te oferece não é só para ti.

- **Coloca a tua vida, como está, diante do Senhor**. Toma consciência de como estás no teu interior, se há algo que te preocupa, que te alegra, que te custa, etc. Tenta centrar a tua oração num ponto concreto, sobre o qual sentes que Deus te pode falar.

Senhor: De que queres que falemos? O que me queres dizer com o que tenho vivido, com os encontros que tenho tido, com o que estou sentindo por dentro?

2. LÊ A PALAVRA COM CALMA E MEDITA-A (O QUE DIZ A PALAVRA?)

- **Procura a leitura e lê-a devagar...** duas vezes, três vezes...

Se te ajudar, podes escrevê-la no teu caderno para a fixares melhor. Tenta compreender a fundo a leitura, o seu contexto, a sua mensagem principal, etc.

- **Faz perguntas à Palavra:**

O que diz a leitura que leste ao mundo de hoje? O que quer dizer-me a mim? Porque mo diz? O que está aqui em jogo? Se aparecerem personagens, vê como reagem, o que dizem, etc. Coloca-te no seu lugar.

Ajuda muito, para evitar distrações, escrever o que tu dizes ao Senhor, e o que Ele te diz a ti.

O QUE ME DIZ A MIM A PALAVRA?

Deixa que a palavra ilumine o que estás a viver neste momento: Compara-a com a tua vida, pergunta a Jesus o que quer, o que pretende...

Diz ao Senhor o que provoca em ti escutar esta Palavra:

Medo, alegria, esperança, luz para o caminho...

Porque pensas que te provoca estes sentimentos?

Faz silêncio para escutar!

3. MERGULHA AFETUOSAMENTE EM DEUS:

O QUE DIGO EU A DEUS?

Capta o que Deus sente por ti, pelas pessoas que Deus te confia. Procura escutar o tom com que te dirige a Sua palavra, captar o Seu olhar, etc. Detém-te na Palavra ou gesto que mais tocou o teu coração...

Deixa que nasça em ti a gratidão, o desejo de fazer sempre a Sua vontade, o louvor: *“Toda a minha vida Te louvarei...”*

4. REVÊ A TUA ORAÇÃO

COMO POSSO VIVÊ-LA?

Senhor, como aproveitei este tempo de oração? Criei as condições necessárias para aproveitá-la? O que dificultou o trato familiar contigo, Senhor? Que conclusão retiro deste momento? Oferece-te a Ela, dá graças...

CONCRETIZA A TUA ORAÇÃO

A partir do escutado na Sua Palavra, há alguma decisão para tomar, alguma coisa para enfrentar, algum compromisso a assumir, gestos concretos com alguém, alguma atitude a mudar, etc.?

ATITUDES PARA REZAR

1. Fé e confiança.

“Se tivésseis fé como um grão de mostarda...” (Lc 17, 5-6)

2. Silêncio interior e exterior, para escutar.

“Se o meu povo me tivesse escutado!” (Sl 81)

3. Humildade.

“Senhor, eu não sou digno que entres debaixo do meu teto; mas diz uma só palavra...” (Mt 8, 8)

4. Sinceridade e transparência.

“Mestre, que eu veja!” (Mc 10, 51)

5. A simplicidade das crianças.

“Se não voltardes a ser como as criancinhas...” (Mt 18, 3)

6. Um coração reconciliado.

“Se fores, portanto, apresentar uma oferta sobre o altar e ali te recordares de que o teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa lá a tua oferta diante do altar, e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão” (Mt 5, 23-24)

7. Persistência e esforço.

“Pedi, e ser-vos-á dado (...) batei e hão de abrir-vos” (Mt 7, 7)

8. Apresentar-se como uma folha em branco, sem planos feitos.

“Eis que venho (...) para fazer, ó Deus, a tua vontade.” (Heb 10, 7)

9. Gratidão.

“Vamos à sua presença, com hinos de louvor” (Sl 95,2)

parte I

Advento

Senhor, Tu vieste por nós

Is 2,1-5 «Como foi nos dias de Noé, assim acontecerá

Sl 121 (122) na vinda do Filho do Homem. Nos dias que

Rm 13,11-14 precederam o dilúvio, comia-se, bebia-se, os

Mt 24,37-44 em casamento, até ao dia em que Noé entrou

na Arca; e não deram por nada até chegar o dilúvio, que a todos arrastou. Assim será também a vinda do Filho do Homem. Então, estarão dois homens no campo: um será levado e outro deixado; duas mulheres estarão

a moer no mesmo moinho: uma será levada e outra deixada.

Vigiai, pois, porque não sabeis em que dia virá o vosso Senhor. Ficai sabendo isto: Se o dono da casa soubesse a que horas da noite viria o ladrão, estaria vigilante e não deixaria arrombar a casa. Por isso, estai também preparados, porque o Filho do Homem virá na hora em que não pensais.»

(Mt 24, 37-44)



enhor, foi por nós que Tu vieste. Senão, por que, mais de dois mil anos depois, estaríamos a anunciar a Tua vinda?

Jesus veio ao mundo por nós. Para nós. Para nos revelar que há um caminho, uma verdade, uma vida. Para nos mostrar que é possível uma vida melhor, e que essa vida é uma dádiva de Deus, mas também está nas nossas mãos. Jesus revelou-nos um caminho novo de fé, de amor, de perdão – um caminho que podemos trilhar, ou pelo menos tentar fazê-lo, a cada dia. Jesus não veio só para nos alegrar (o que já não seria pouco), para nos aumentar a fé e a esperança. Veio numa missão e deixou-os uma missão: a de O seguirmos, de fazermos em cada dia o que nos pediu – para rezarmos, amarmos o próximo e perdoarmos. Com Ele, aprendemos que a santidade é possível. Mas Jesus sabia que sozinhos não seríamos capazes, deixou-nos o Espírito Santo, deixou-nos Maria. Ambos nos consolam e nos fortalecem na nossa vida diária.

Perante esta dádiva tão grande, o Advento tem de ser um tempo de gratidão, um tempo de agradecermos este menino que mudou a história do mundo e a história da fé. É um tempo de espera. Mas não de espera impaciente, antes de uma espera de antecipação, em que, em cada dia, somos capazes de agradecer tudo de bom que a vida nos traz – mesmo as mais pequenas coisas, como o prazer de estar vivo, de poder sorrir a alguém, de poder estender a mão. E, também, de ter capacidade de aceitar o que nos oferecem – um sorriso, uma pequena (ou grande) ajuda. E, sobretudo, de agradecer o dom da Fé, o facto de termos Jesus na nossa vida, de O podermos seguir, como toda a liberdade.

Que este Advento seja de oração, de agradecimento, mas também de missão – que consigamos, a cada dia, saber que somos filhos amados, e sejamos capazes de levar aos outros esse amor, sabendo que não estamos sozinhos e que ninguém deveria estar sozinho.

Vigiemos, pois, para estarmos preparados! Aceitemos a fé como um dom, gratuito e comunitário, porque partilhado por muitos. E partilhemo-la gratuitamente, sem excluir ninguém, porque Jesus veio para todos nós!



A interrupção

Quando penso neste tempo litúrgico do Advento que antecede o Natal, e que em grande medida aprofunda e desvela o seu significado, vem-me muitas vezes à cabeça um livro do poeta brasileiro João Cabral de Melo Neto, “Morte e Vida Severina”. É um livro de poesia, como o são afinal tantos livros bíblicos. Mas este livro contemporâneo o que é que conta? Narra a história de Severino. Severino é o homem, o ser humano apenas, mais um de nós, um qualquer Adão. Severino é uma criatura provada, porque a vida é dura, implacável; a vida não retribui diretamente o sonho, o esforço, o investimento afetivo que nós nela colocamos. Aquele Severino — como muitas vezes nós — sente-se só, traído e espoliado sobre a terra. E vai numa espécie de demanda à procura de uma solução que não encontra. Perceciona, dramaticamente, a existência como inútil empresa. Repete a si mesmo que, se não encontra respostas para as áridas interrogações que traz, talvez o melhor seja pôr fim a tudo. Com estes pensamentos põe-se a caminhar perto de um rio e encontra, a dada altura, um carpinteiro chamado José, a quem pergunta se o braço de rio é suficientemente fundo e com lodo bastante para que uma vida nele se perca.

O carpinteiro percebe o seu tormento e tenta dissuadi-lo. Severino volta-se para José e suplica: “Então dá-me uma razão. Dá-me uma razão que seja, que diga que a vida vale a pena.” Quando estavam os dois nesta discussão, a conversa é interrompida por um coro de vizinhos, parentes e conhecidos do carpinteiro, que lhe vêm anunciar, cantando, que a sua mulher acaba de dar à luz. Somos, então, conduzidos ao lugar onde está o menino e José saúda com entusiasmo o seu nascituro. E dirigindo-se ao desesperado Severino diz que é verdade, que também ele não tem uma resposta para lhe dar, mas adianta: “Não há melhor resposta que o espetáculo da vida:/ vê-la desfiar seu fio, que também se chama vida,/ ver a

fábrica que ela mesma, teimosamente, se fabrica". Na realidade, a vida responde manifestando-se, dando-se a si mesma, abrindo-nos ao desabalado espetáculo que é a própria existência, a esse inacreditável e despojado milagre que a vida é em si mesma. É olhando, acolhendo e abraçando a vida que podemos ser curados das nossas dúvidas, daquilo que em nós parece apenas rasgão, desolada ferida para tratar, vazio e subtração. É quando confiamos no milagre da vida que podemos olhar de outro modo para esta sensação que nos há de acompanhar até ao fim: a sensação de sermos algo de inacabado, inconclusivo, até irreparável. Penso que o Advento constitua um anual interromper a conversa.

Todos andamos ocupados com uma interlocução qualquer. Uma confabulação mais ou menos feliz, mais narcísica ou mais altruísta, mais isto ou mais aquilo. Esbracejamos por uma solução, pela âncora de um sentido que nem sempre é óbvio, que quase nunca é evidente ou fácil. O Advento traz uma interrupção. A conversa interrompe-se com um cortejo que vem anunciar um nascimento, que insiste em abrir-nos os olhos para repararmos antes de tudo na vida, na vida estreme, no valor da vida sem mais, nesse tesouro essencial. Na representação do Jesus que nasce não há ornamentos. Ele nasce desprovido como um Severino, sem nada, naquele curral de animais onde é só a vida que conta. O Advento é, assim, um tempo para suspender as nossas soturnas trocas de razões, os nossos longos percursos fechados, a nossa interminável inquirição. E para deixarmo-nos antes ficar diante do espetáculo da vida, da vida que incessantemente se faz nova, mesmo quando não nos apercebemos, mesmo quando julgamos qualquer saída impossível. A vida encarrega-se de fazer-nos sentir desarmados, repentinos e inocentes diante do parto de Deus.

(José Tolentino Mendonça, 2018)

Imaculada Conceição

Gn 3,9-15.20 «Ao sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia chamada

SI 97 (98) Nazaré, a uma virgem desposada com um homem chamado José, da casa de David; e o

Ef 1,3-6.11-12 nome da virgem era Maria. Ao entrar em casa dela, o anjo disse-lhe: “Salve, ó cheia de

Lc 1,26-38 graça, o Senhor está contigo.” Ao ouvir estas palavras, ela perturbou-se e inquiria de si

própria o que significava tal saudação. Disse-lhe o anjo: “Maria, não temas, pois achaste graça diante de Deus. Hás de conceber no teu seio e dar à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus. Será grande e vai chamar-se Filho do Altíssimo. O Senhor Deus vai dar-lhe o trono de seu pai David, reinará eternamente sobre a casa de Jacob e o seu reinado não terá fim.” Maria disse ao anjo: “Como será isso, se eu não conheço homem?” O anjo respondeu-lhe: “O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo estenderá sobre ti a sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer é Santo e será chamado Filho de Deus. Também a tua parente Isabel concebeu um filho na sua velhice e já está no sexto mês, ela, a quem chamavam estéril, porque nada é impossível a Deus.” Maria disse, então: “Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra.” E o anjo retirou-se de junto dela.»
(Lc 1)



E a história repete-se...

- Is 11,1-10 «Naquele dia, sairá um ramo do tronco de Jessé e um rebento brotará das suas raízes.
- Sl 71 (72) Sobre ele repousará o espírito do Senhor: espírito de sabedoria e de inteligência, espírito de conselho e de fortaleza, espírito de conhecimento e de temor de Deus. Animado
- Rm 15,4-9 assim do temor de Deus, não julgará segundo as aparências, nem decidirá pelo que ouvir dizer. Julgará os infelizes com justiça e com sentenças retas os humildes do povo. Com o
- Mt 3,1-12 chicote da sua palavra atingirá o violento e com o sopro dos seus lábios exterminará o ímpio. A justiça será a faixa dos seus rins e a lealdade a cintura dos seus flancos. O lobo viverá com o cordeiro e a pantera dormirá com o cabrito; o bezerro e o leãozinho andarão juntos e um menino os poderá conduzir. A vitela e a urso pastarão juntamente, suas crias dormirão lado a lado; e o leão comerá feno como o boi. A criança de leite brincará junto ao ninho da cobra e o menino meterá a mão na toca da víbora. Não mais praticarão o mal nem a destruição em todo o meu santo monte: o conhecimento do Senhor encherá o país, como as águas enchem o leito do mar. Nesse dia, a raiz de Jessé surgirá como bandeira dos povos; as nações virão procurá-la e a sua morada será gloriosa.»

(Is 11, 1-10)



enhor, a história repete-se... Vivemos em pleno Advento, dentro de três semanas a noite de Natal.

A repetição tem em si o potencial de transformação, de que neste Natal será diferente e viverei com um sentido renovado este tempo que a Igreja nos convida a viver.

Esta dinâmica é assim em tudo o que se passa na nossa vida. Curiosamente, muitas vezes dou comigo a queixar-me das rotinas esquecendo este dinamismo interior e o potencial que nele existe...

O que faço com o potencial intrínseco à rotina que vivo?

“Viver um pouco mais”, “desfrutar um pouco mais”, “guardar no coração um pouco mais”...

Se por um lado existe este potencial, por outro lado também posso viver quer as minhas “rotinas diárias” quer este tempo de Advento e, concretamente, o 2º Domingo de Advento, como apenas mais um... Esquecido de que o tempo é o único com que posso contar e que a transformação dentro do meu coração pode acontecer hoje!

“Naquele dia (...) um rebento brotará das suas raízes.” – “Naquele dia” pode ser hoje! Deus já habita em nós. As Suas raízes habitam em cada um de nós.

Que mudança desejo para a minha vida, para melhor acolher e apresentar Jesus aos que me são próximos?

Alguma da carga negativa que “transporto” na rotina diária prende-se com o facto de a viver de uma forma “pouco minha”. Consigo manter-me fiel naquilo que vivo ou acabo por seguir pelo caminho que, de certa forma, me é imposto?

“Sobre ele repousará o espírito do Senhor: espírito de sabedoria e de

inteligência, espírito de conselho e de fortaleza, espírito de conhecimento e de temor de Deus.” – ao ler esta passagem de Isaías, experimento algum conforto e esperança: sentir-me habitado por Deus é a chave que, no invisível, lentamente, me vai transformando e me dá a criatividade de agir de um modo “novo” e “diferente”, a inteligência para encontrar o caminho certo (na certeza de que o Senhor sempre está presente...).

“Não julgará (...)” – De facto, os meus julgamentos (sobre os outros e sobre mim) são algo que me tira a paz... Reconheço que se, por um lado, o faço e gostaria que assim não fosse... Por outro lado, quando estou nas situações, no concreto, até por alguma soberba (ou seja, como alguém com intelecto e opinião) entro rapidamente no “processo de julgamentos”... Existirá, porventura, um bom ponto de equilíbrio para o Senhor, mas o ser humano, ao longo da sua história, vai “pecando” por excesso... Encontrar a dose certa passa por “não julgar”. De facto, não está escrito “julgar menos”...

A leitura de Isaías continua falando essencialmente da “bondade”. Viver em harmonia no “oposto”: ser capaz de viver no que parecem ser realidades distintas. Reconhecendo a diferença e sem julgar, sou capaz de descobrir que o outro também é, também existe, merece o dom da vida tal como eu. Ambos somos habitados por Deus, na mesma medida. Não há maior nem menor, melhor ou pior, ambos somos e somo-nos um para o outro.

Preparemo-nos para receber Jesus. Rezemos por Ele e com Ele neste período privilegiado. Ele é “rebento” que traz harmonia quebrando as diferenças e ama sem julgamentos. Aprendamos com Ele, em profunda oração e comunhão, a também sê-lo hoje, nas nossas vidas, neste dia que até pode parecer igual ao de ontem (mas que nunca o é...).

Vivamos bem este 2º Domingo de Advento, um Santo Natal.

A Rotina não Basta ao Coração do Homem

A rotina começa por ser um esforço de regularidade nos vários planos da existência, esforço que, temos de dizer, é em si positivo. A vida seria impossível se o eliminássemos de todo. As rotinas têm um efeito saudável: tornando o quotidiano um encadeado de situações expectáveis, permitem-nos habitar com confiança o tempo. Mas o que começa por ser bom esconde também um perigo. De repente, a rotina substitui-se à própria vida. Quando tudo se torna óbvio e regulado, deixa de haver lugar para a surpresa. Cada dia é simplesmente igual ao anterior. A nossa viagem passa para as mãos de um piloto automático, que só tem de aplicar, do modo mais maquinal que for capaz, as regras previamente estabelecidas. Os sentidos adormecem. Bem podem os dias ser novos a cada manhã ou o instante abrir-se como um limiar inédito, que nunca os cruzaremos assim. Os nossos olhos sonolentos veem tudo como repetido. E, sem nos darmos conta, acontece-nos o que o salmo bíblico descreve a propósito dos ídolos: «Têm boca, mas não falam; olhos têm, mas não veem./ Têm ouvidos, mas não ouvem; narizes têm, mas não cheiram./ Têm mãos, mas não palpam» (Sl 115,5-7). Podemos equivocadamente pensar que nos é possível viver assim. Mas chega a estação, como recorda o livro do Eclesiastes, em que «a vista não se sacia com o que vê, nem o ouvido se contenta com o que ouve» (Ecl 1,8). A rotina não basta ao coração do homem. O grande desafio é, em cada dia, voltar a olhar tudo pela primeira vez, deslumbrando-se com a surpresa dos dias. É reconhecer que este instante que passa é a porta por onde entra a alegria. Mas para isso teremos de recuperar a sensibilidade à vida, à sua desconcertante simplicidade, ao seu canto frágil, às suas travessias. A vida que nos havíamos habituado já a consumir no relâmpago que dura um fósforo, sem ouvi-la verdadeiramente, sem conspirar para a sua plenitude. Para responder à pergunta sobre o sentido que a dada altura nos assalta («a vida que levo que sentido tem?») é indispensável uma pedagogia de reativação dos sentidos.

Alegria!

- Is 35,1-6a.10 «Alegrem-se o deserto e o descampado, rejubile e floresça a terra árida, cubra-se de flores como o narciso, exulte com brados de alegria. Ser-lhe-á dada a glória do Líbano, o esplendor do Carmelo e do Saron. Verão a glória do Senhor, o esplendor do nosso Deus.
- Sl 145 (146) flores como o narciso, exulte com brados de alegria. Ser-lhe-á dada a glória do Líbano, o esplendor do Carmelo e do Saron. Verão a glória do Senhor, o esplendor do nosso Deus.
- Tg 5,7-10 esplendor do Carmelo e do Saron. Verão a glória do Senhor, o esplendor do nosso Deus.
- Mt 11,2-11 Fortalecei as mãos fatigadas e robustecei os joelhos vacilantes. Dizei aos corações perturbados: “Tende coragem, não temais: Aí está o vosso Deus, vem para fazer justiça e

dar a recompensa. Ele próprio vem salvar-vos”. Então se abrirão os olhos dos cegos e se desimpedirão os ouvidos dos surdos. Então o coxo saltará como um veado e a língua do mudo cantará de alegria. Voltarão os que o Senhor libertar, hão de chegar a Sião com brados de alegria, com eterna felicidade a iluminar-lhes o rosto. Reinarão o prazer e o contentamento e acabarão a dor e os gemidos.»

(Is 35, 1-6a. 10)



queniano Eliud Kipchoge, melhor maratonista da atualidade, dizia recentemente numa entrevista: “Quando estou a sofrer, sorrio para me convencer de que estou feliz”. Desta forma, faz todas as corridas em sofrimento, mas com um sorriso. Mas que tem isto a ver com o ser Cristão? Gostaria de começar esta oração por destacar algumas palavras desta leitura: “Alegram-se, rejubile, floresça, exulte, alegria, prazer, contentamento... A palavra “alegria” aparece quatro vezes, tudo isto para anunciar o Messias e um tempo novo que se avizinha. No início do pontificado do Papa Francisco, esta sua característica, foi bastante destacada: a sua imensa capacidade de sorrir, de forma franca, natural. Como se vivesse em cada instante a alegria do Evangelho. Se eu não sentir esta alegria, como tantas vezes não a sinto, antes de entrar numa igreja, neste tempo de preparação para o Natal, antes de um encontro, significa que não estou a acolher devidamente Jesus. Porque esta alegria anunciada pelo profeta Isaías não diz respeito apenas àquele contexto de exílio na Babilónia, frustração, desespero e desânimo. Ele dirige-se ao homem concreto de hoje que vive circunstâncias pessoais, também elas de desespero. Ele não anuncia apenas a vinda do Jesus histórico que nasceu e morreu por nós. Caso contrário, este tempo de alegria e felicidade plena de que nos fala a leitura já se teria concretizado: todos os desertos e terras áridas ter-se-iam transformado em terras férteis, deixaria de haver neste mundo “dores e gemidos”. Desta perspetiva é incompatível entender esta leitura, na medida em que o Messias já nasceu há 2020 anos e nada se concretizou. Mas esta leitura usa um tempo verbal futuro e um tom profético porque se concretiza todos os dias. Não pertence ao passado, mas ao presente, porque Jesus não nasceu no ano zero da nossa era, mas nasce todos os dias. O Advento é o presente e o futuro! Não é uma celebração do passado. As imagens desta leitura recordam um paraíso perdido, um tempo de harmonia e paz que foi

quebrado pelo pecado. Jesus é anunciado pelo profeta como o Messias que irá recuperar este tempo. O profeta exulta os homens de então e a nós próprios a termos esperança, a não vacilarmos perante a adversidade, a acreditar que um tempo melhor está para chegar. O Cristão tem de se distinguir entre a multidão pela alegria que irradia, por não se deixar abater pela falta de esperança. Esta é a nossa missão: irradiar alegria e sermos esperança para quem vive sem ela, em sofrimento e desespero profundos. É neste lugar que Cristo nasce hoje!



“A vida comunitária, a genuína vida apostólica é feliz e eficaz. É, primeiramente e principalmente, revelação do Amor e do contágio de Deus. É a expressão de um gozo inaudito, novo e inefável que, de forma pessoal e comunitária, se expressa e revela com júbilo que sai do coração. Não de motivos ou razões terrenas ou humanas, sensuais, sem motivos que provêm do Invisível, do Imenso, do Inefável, do Infinito. Júbilo próprio dos que seguem o Cordeiro sem mancha, dos fielmente consagrados, dedicados de coração ao Amor que brota, ao Deus da alegria, da Vida e do Amor, o nosso Deus, Uno e Trino, por meio da Virgem, a Mamã querida.”

(Jaime Bonet em “A Solas, Oraciones de un evangelizador”,
cap. 17)

Jesus está quase a nascer! Abre os braços!

- Is 7,10-14 «O nascimento de Jesus deu-se do seguinte modo: Maria, sua Mãe, noiva de José, antes de terem vivido em comum, encontrara-se grávida por virtude do Espírito Santo. Mas José, seu esposo, que era justo e não queria difamá-la, resolveu repudiá-la em segredo.
- Sal 23 (24)
- Rom 1,1-7
- Mt 1,18-24 Tinha ele assim pensado, quando lhe apareceu num sonho o Anjo do Senhor, que lhe disse: “José, filho de David, não temas receber

Maria, tua esposa, pois o que nela se gerou é fruto do Espírito Santo. Ela dará à luz um Filho e tu pôr-Lhe-ás o nome de Jesus, porque Ele salvará o povo dos seus pecados”. Tudo isto aconteceu para se cumprir o que o Senhor anunciara por meio do Profeta, que diz: “A Virgem conceberá e dará à luz um Filho, que será chamado ‘Emanuel’, que quer dizer ‘Deus connosco’”. Quando despertou do sono, José fez como o Anjo do Senhor lhe ordenara e recebeu sua esposa.»

(Mt 1,18-24)



Estamos quase a acabar o Advento! A espera está quase a acabar! Como tem sido esta espera? Dolorosa? Cansativa? Triste? Fartos de correr? Solitária? Solidária?

Por quem espero?... Esta é a pergunta a que invariavelmente chego no Advento – quer seja enquanto preparo o Caderno, quer depois, quando tento viver “no tempo certo” o Advento... Chego cá sempre: por quem espero? Espero que nasça? Espero realmente, do fundo do coração, que me nasça o Salvador?

José andava na sua vida, quando o Senhor lhe “trocou as voltas”. Tinha os seus projetos, a sua vidinha planeada, ia casar com Maria, iam ter filhos, iam morar acolá... Enfim, exatamente como nos troca as voltas as nós, quando lhe damos espaço, tempo, ouvidos... O que faço quando o Senhor me troca as voltas? Me altera os projetos sem “pedir licença”? Continuo na Sua companhia, ou afasto-me, não vá a vida dar mesmo uma volta? José pensou em repudiar Maria em segredo, tal qual como nós, quando no nosso coração ouvimos a voz da dúvida, a voz do medo, da insegurança. Quando deixamos que no nosso coração habitem outras vozes, outros interesses... é tão difícil ser coerente, não é? E é tão preciso que sejamos coerentes com aquilo que o Senhor nos diz!

O Senhor já nasceu no nosso coração! Tenho a certeza! Mas, este ano, sinto-me desafiada a fazer mais do que deixá-Lo nascer. Este ano, sinto-me desafiada a deixá-Lo crescer, ganhar “altura”, ganhar raízes fundas, para conseguir ser coerente, viver comprometida... ter esta capacidade de viver comprometida com o desafio que nos lança este ano: ir e fazer o mesmo no mundo!

O que preciso de fazer em mim, o que preciso de deixar para trás, de construir ou de desconstruir, de deixar nascer/de deixar crescer, para abraçar esta missão que nos confias, Senhor?

Jesus veio ao mundo bebé, frágil, dependente dos outros... Também Tu, Pai, nos envias tantas vezes desta mesma forma que enviaste o Teu filho: às vezes frágeis, sem saber falar a língua daqueles a quem nos envias, dependente dos outros, dependentes de circunstâncias que não conhecemos nem controlamos, dependentes da boa vontade alheia, dos que nos acolhem, apesar de não verem em nós um sinal daquele por quem esperavam... O que me pode ajudar a permanecer? A ser crente em vez de ser só crédulo? A aderir ao Teu convite? A ser sinal de esperança, em vez de ser só mais um que avança, sem saber muito bem por onde? A ter a coragem de Maria e dizer como ela diz “faça-se”? A abrir os braços porque Tu estás quase a nascer?

“Não temas (...) o que nela se gerou é fruto do Espírito Santo.” E em mim? Este ano, que frutos quer gerar em mim o Espírito Santo?

«É esta a festa que agrada a Deus? De que Natal gostaria Ele?»

Daqui a seis dias será Natal. As árvores, os ornamentos e as luzes em todo o lado recordam que também este ano haverá festa. A máquina publicitária convida à troca de presentes sempre novos para fazer surpresa. Mas pergunto-me: é esta a festa que agrada a Deus? Que Natal gostaria Ele, que presentes e surpresas?

Olhemos para o primeiro Natal da história para descobrir os gostos de Deus. Esse primeiro Natal da história foi repleto de surpresas. Começa-se com Maria, que era noiva de José: chega o anjo e muda-lhe a vida. De virgem será mãe.

Prosegue com José, chamado a ser pai de um filho sem o gerar. Um filho que – golpe de cena – chega no momento menos indicado, isto é, quando Maria e José eram noivos, e segundo a Lei não podiam coabitar. Diante do escândalo, o bom senso do tempo convidava José a repudiar Maria e salvar o seu bom nome, mas ele, apesar do direito que tinha, surpreende: para não prejudicar Maria, pensa repudiá-la em segredo, com o custo de perder a reputação. Depois, outra surpresa: Deus, em sonhos, muda-lhe os planos e pede-lhe para tomar consigo Maria. Nascido Jesus, quando tinha os seus projetos para a família, igualmente em sonho é-lhe dito para se erguer e ir para o Egito.

Em resumo, o Natal traz mudanças de vida inesperadas (...). Mas é na noite de Natal que chega a surpresa: o Altíssimo é um pequenino bebé. A Palavra divina é um infante, que literalmente significa “incapaz de falar”. (...) A acolher o Salvador não estão as autoridades do tempo (...), mas simples pastores que, surpreendidos pelos anjos enquanto trabalhavam de noite, acorrem sem demora. Quem esperaria que assim fosse?

Natal é celebrar o inédito de Deus, ou melhor, um Deus inédito, que vira do avesso as nossas lógicas e as nossas expectativas.

Fazer Natal, então, é acolher na Terra as surpresas do Céu. Não se pode viver “terra a terra” quando o Céu trouxe a sua novidade ao mundo. O Natal inaugura um tempo novo, onde a vida não se programa, mas dá-se; onde já não se vive para si, com base nos próprios gostos, mas para Deus; e com Deus, porque desde o Natal Deus é o Deus-connosco.

Viver o Natal é deixar-se sacudir pela sua surpreendente novidade. O Natal de Jesus não oferece os reconfortantes calores da lareira, mas o frêmito divino que sacode a história. O Natal é a desforra da humildade sobre a arrogância, da simplicidade sobre a abundância, do silêncio sobre o barulho, da oração sobre o “meu tempo”, de Deus sobre o meu eu.

Fazer Natal é fazer como Jesus, vindo para nós, necessitados, e descer para aqueles que necessitam de nós. É fazer como Maria: confiar, dóceis a Deus, ainda que sem compreender o que Ele fará. É fazer como José: erguer-se para realizar o que Deus quer, mesmo que não seja segundo os nossos planos. S. José é surpreendente: no Evangelho nunca fala (...), e o Senhor fala-lhe precisamente no silêncio, no sono. Natal é preferir a voz silenciosa de Deus aos tumultos do consumismo. Se soubermos estar em silêncio diante do presépio, o Natal será também para nós uma surpresa, não uma coisa já vista. (...)

Infelizmente, no entanto, pode falhar-se a festa, e preferir às novidades do Céu as coisas habituais da Terra. Se o Natal permanece apenas uma bela festa tradicional, onde no centro estamos nós e não Ele, será uma ocasião perdida. Por favor, não mundanizemos o Natal. Não coloquemos de parte o Festejado, como então, quando «veio para entre os seus, e os seus não o acolheram» (João 1, 11).

Desde o primeiro Evangelho do Advento, o Senhor alertou-nos, pedindo para que não ficarmos pesados com «dissipações» e «afazeres da vida» (Lucas 21, 34). Nestes dias corre-se, talvez como nunca durante o ano. Mas assim faz-se o oposto daquilo que Jesus quer. Culpamos as muitas coisas que enchem o dia, o mundo que vai

depressa. E, todavia, Jesus não culpou o mundo, pediu-nos para não sermos arrastados, para vigiar em cada momento orando.

Então, será Natal se, como José, dermos espaço ao silêncio; se, como Maria, dissermos «eis-me aqui» a Deus; se, como Jesus, estivermos próximos de quem está só; se, como os pastores, sairmos dos nossos redes para estar com Jesus.

Será Natal se encontrarmos a luz na pobre gruta de Belém.

Não será Natal se procurarmos os flashes ofuscantes do mundo, se nos enchermos de presentes, almoços e jantares mas não ajudarmos pelo menos um pobre, que se assemelha a Deus, porque no Natal Deus veio pobre.

Queridos irmãos e irmãs, desejo-vos um bom Natal, um Natal rico das surpresas de Jesus! Poderão parecer surpresas incómodas, mas são os gostos de Deus. Se os desposarmos, faremos a nós mesmos uma esplêndida surpresa. Cada um de nós tem oculta no coração a capacidade de deixar-se surpreender. Deixemo-nos surpreender por Jesus!

(Papa Francisco, Audiência geral, 19.12.2018, Vaticano)



parte II

Natal

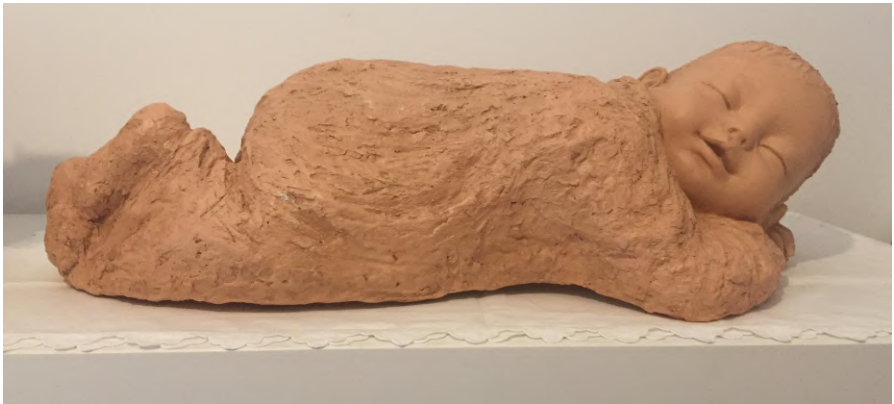
Neste Natal, contempla o presépio!

Missa da noite	«Naqueles dias foi promulgado um decreto de
Is 9,1-6	César Augusto, determinando o
SI 95 (96)	recenseamento do mundo inteiro. Este
Tt 2,11-14	recenseamento, o primeiro que se fez, foi
Lc 2, 1-14	efetuado quando Quirino governava a Síria. E
	todos iam recensear-se, cada um em sua
	cidade. Também José subiu de Nazaré, na
	Galileia, para a cidade de Davi, chamada
	Belém, na Judeia, porque era da casa e da
	família de Davi, a fim de recensear-se

juntamente com Maria, sua esposa, que estava grávida. Enquanto estavam lá, completaram-se os dias da gestação. E Maria deu à luz seu filho primogênito; envolveu-o em faixas e o deitou num presépio, porque não havia lugar para eles na hospedaria. Havia na mesma região pastores que estavam nos campos e guardavam seu rebanho no decorrer da noite. Apresentou-se junto deles um anjo do Senhor, e a glória do Senhor os envolveu de luz; ficaram com muito medo, mas o anjo lhes disse: “Não tenhais medo, pois vos anuncio uma grande alegria, que será para todo o povo: Hoje, na cidade de Davi, nasceu para vós um Salvador, que é o Cristo Senhor. Isto vos servirá de sinal: encontrareis um menino envolto em faixas e deitado num presépio”. No mesmo instante, juntou-se ao anjo grande multidão do exército celeste, louvando a Deus e dizendo: “Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens por ele amados”. Quando os anjos os deixaram, voltando para o céu, os pastores disseram entre si: “Vamos até Belém, para ver o que aconteceu e que o Senhor nos deu a conhecer”. Os pastores foram depressa e encontraram Maria, José e o menino deitado no

presépio. Quando o viram, contaram o que lhes fora dito a respeito daquele menino. E todos os que ouviam se admiravam das coisas que lhes diziam os pastores. Maria, porém, conservava todas estas recordações, meditando-as em seu coração. Depois, os pastores voltaram glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham ouvido e visto, conforme o que lhes fora dito.»

(Lucas 2, 1-20)



Missa do dia

Is 52,7-10


Sl 97 (98)

Hb 1,1-6

Jo 1,1-18

«Como são belos sobre os montes os pés do mensageiro que anuncia a paz, que traz a boa nova, que proclama a salvação e diz: “o teu Deus é rei.” (...) soltam brados de alegria, porque vêm com os próprios olhos o Senhor que volta, o Senhor consola o seu povo, resgata Jerusalém (...) e todos os confins da terra verão a salvação do nosso Deus.»

(Is 52, 7-10)

 uando preparava as pistas de Natal, li e reli as várias leituras propostas para a Celebração do Natal distribuídas pela Missa da Vigília, a Missa da Noite, a Missa da Aurora e a Missa do Dia. No meio de tanta riqueza e complexidade, senti que o Senhor me convidava a ser simples e a centrar-me no essencial. Detive-me então em duas leituras – no Evangelho de São Lucas (Missa da Noite / Missa da Aurora) e numa das Leituras de Isaías (Primeira Leitura da Missa do Dia).

E mais uma vez, o convite à simplicidade: contempla o Presépio...

“Há uns anos, tive a oportunidade de conhecer a Madre Teresa de Calcutá. Nessa altura, debatia-me com vários problemas e resolvi aproveitar aquela ocasião para lhe pedir o seu conselho. Mal nos sentámos, comecei a contar-lhe as minhas inquietações, tentando convencê-la de como era tudo tão complicado! Quando finalmente me calei, após dez minutos de uma intensa exposição, a Madre Teresa olhou-me e replicou, tranquilamente: «Bem, quando passar uma hora por dia a adorar o seu Senhor e nunca fizer nada que saiba ser errado... Tudo ficará bem!».”

In Henri Nouwen “Acompanhamento Espiritual”

No mundo de hoje, nesta sociedade em que vivemos, poder utilizar algum tempo a contemplar o presépio (ou a adorar o Senhor) é um dom e uma grande inspiração. É uma ocasião de conversão, de renascimento de Jesus nas nossas vidas e no mundo...

Porque é tão importante (voltar a) contemplar o presépio e todo seu enquadramento?

Encontro várias situações que me ajudam a rezar a vida...

Maria diz “Faça-se segundo a tua vontade” em vez de “Faça-se o que eu quero e como eu quero”.

José aceita viver na confiança e esperança, em vez da separação e conflito conjugal diante de uma gravidez inesperada.

O casal vive serenamente o quotidiano, em vez de ficar irritado com os imprevistos da vida como, por exemplo, um recenseamento que os obriga a uma viagem inesperada, ou o facto de não terem lugar para ficar, ou a ausência de qualquer assistência no momento do parto...

Os reis magos percorrem milhares de quilómetros para adorar o Menino enquanto tantas pessoas não se deslocam alguns metros para ir à Missa ou para visitar alguém que precisa...

Deus escolhe os pastores, os mais pobres da sociedade para anunciar a grande notícia do nascimento de Jesus, em vez de ser a primeira página dos jornais, a notícia de abertura do telejornal ou ser partilhada nas redes sociais...

Para além de procurar viver na simplicidade, na humildade e, ao mesmo tempo, na confiança do que a vida nos oferece, sentia também uma grande chamada a fazer parte deste plano de Deus, para que, através de mim e da minha vida, qualquer pessoa possa experimentar o consolo do Senhor: *“todos os confins da terra verão a salvação do nosso Deus”*.

E este desejo para o tempo de Natal vem ao encontro das palavras do Papa Francisco na sua Mensagem para o Dia Mundial das Missões: *“Recebemos gratuitamente este dom, e gratuitamente o partilhamos, sem excluir ninguém. Deus quer que todos os homens sejam salvos”* (...) *“Eu sou sempre uma missão, tu és sempre uma missão (...) quem ama, põe-se em movimento, sente-se impelido para fora de si mesmo: é atraído e atrai; dá-se ao outro e tece relações que geram vida. Para o amor de Deus, ninguém é inútil nem insignificante. Cada um de nós é uma missão no mundo, porque fruto do amor de Deus.”*

Agradeço a tua vinda, Jesus, a tua Vida na minha (nossa) vida!

Aqui estou (estamos) Jesus, ajuda-me (nos) a viver este tempo com simplicidade e generosidade, partilhando com os outros aquilo que é o essencial, contribuindo para uma *“fraternidade universal autêntica, que se manifesta no respeito mútuo pela vida de cada um”*.



“Queridos irmãos e irmãs, cada um de nós tem, melhor, é uma missão nesta terra.

Estamos aqui para testemunhar, abençoar, consolar, erguer, transmitir a beleza de Jesus.

Coragem! Ele espera muito de ti!

O Senhor prova uma espécie de ânsia por aqueles que ainda não sabem que são filhos amados pelo Pai, irmãos pelos quais deu a vida e o Espírito Santo.

Queres acalmar a ânsia de Jesus?

Vai com amor ao encontro de todos, porque a tua vida é uma missão preciosa: não é um peso a suportar, mas um dom a oferecer.

Coragem! Sem medo, vamos ao encontro de todos!”

(In Homilia do Papa Francisco Dia Mundial das Missões
20 de Outubro de 2019)

Família à escuta da Palavra de Deus

- Sir 3,2-6.12-15 «Depois de partirem, o anjo do Senhor apareceu em sonhos a José e disse-lhe:
- Sl 127 (128) “Levanta-te, toma o menino e sua mãe, foge para o Egito e fica lá até que eu te avise, pois
- Cl 3,12-21 Herodes procurará o menino para o matar”. E ele levantou-se de noite, tomou o menino e
- Mt 2,13-15.19-23 sua mãe e partiu para o Egito, permanecendo ali até à morte de Herodes. Assim se cumpriu o que o Senhor anunciou

pelo profeta: Do Egito chamei o meu filho.

Morto Herodes, o anjo do Senhor apareceu em sonhos a José, no Egito, e disse-lhe: “Levanta-te, toma o menino e sua mãe e vai para a terra de Israel, porque morreram os que atentavam contra a vida do menino.” Levantando-se, ele tomou o menino e sua mãe e voltou para a terra de Israel. Porém, tendo ouvido dizer que Arquelau reinava na Judeia, em lugar de Herodes, seu pai, teve medo de ir para lá. Advertido em sonhos, retirou-se para a região da Galileia e foi morar numa cidade chamada Nazaré; assim se cumpriu o que foi anunciado pelos profetas: Ele será chamado Nazareno.»

(Mt 2.13-15.19-23)



Igreja convida-nos a celebrar neste Domingo, depois do Natal, a festa da Sagrada Família. Neste tempo em que a família está ameaçada por tantas coisas, quão importante é refletirmos e orarmos à luz da Palavra de Deus para redescobrir o Seu projeto sobre a família!

Jesus encarna no seio de uma família: nasce, cresce, recebe educação e proteção. O Evangelho de hoje apresenta-nos a família de Jesus numa situação delicada, de grave perigo para o menino. Com José a encabeçar, é-nos apresentada uma família dócil à Palavra de Deus: escuta, acolhe e cumpre.

Maria e José ensinam-nos a estar sempre nesta atitude de escuta a Deus e de resposta diligente ao que Ele sugere, sabendo que é Ele quem mais se preocupa e quem melhor sabe o que nos convém, para nosso bem e dos nossos filhos.

As nossas famílias, nas quais se sedimenta o futuro da humanidade, como disse o Papa Bento XVI, são o âmbito por excelência da aprendizagem e do crescimento nas relações interpessoais e na Fé. Daí a importância de viver e transmitir na família os valores essencialmente cristãos de que nos fala a Carta aos Colossenses: misericórdia carinhosa, bondade, doçura, compreensão... A família está chamada, definitivamente, a ser escola de comunhão, situando o amor como princípio e força dessa comunhão. Só desde o amor recebido e acolhido por Deus podemos viver relações familiares no acolhimento e respeito mútuo, no encontro e no diálogo, na disponibilidade, no serviço generoso e gratuito, no perdão e reconciliação permanentes, propiciando o crescimento pessoal desde a participação responsável de cada um na vida familiar.

Por tudo isto, a família está chamada a ser evangelizadora, não apenas “ad intra” mas também como foco de irradiação do Evangelho e dos seus valores na sociedade. Sentimo-nos enviados

ao mundo em família, para anunciar de uma forma clara que o Reino de Deus é possível já, agora, ainda que no meio de lutas e dificuldades.

Nas nossas famílias, damos um espaço importante à oração, à escuta em conjunto da Palavra de Deus, a discernir, a partir da Palavra, a vontade do Senhor sobre nós e as diversas circunstâncias que atravessamos?

Como transmitimos a fé e os valores evangélicos aos nossos filhos e nos contextos sociais em que nos movemos?



Na exortação Apostólica pós-sinodal *Amoris Laetitia*, publicada em abril de 2016, o Papa Francisco incluiu uma belíssima oração dirigida à Sagrada Família:

Oração à Sagrada Família

*Jesus, Maria e José,
em Vós contemplamos
o esplendor do verdadeiro amor,
confiantes, a Vós nos consagramos.
Sagrada Família de Nazaré,
tornai também as nossas famílias
lugares de comunhão e cenáculos de oração,
autênticas escolas do Evangelho
e pequenas igrejas domésticas.
Sagrada Família de Nazaré,
que nunca mais haja nas famílias
episódios de violência, de fechamento e divisão;
e quem tiver sido ferido ou escandalizado
seja rapidamente consolado e curado.
Sagrada Família de Nazaré,
fazei que todos nos tornemos conscientes
do carácter sagrado e inviolável da família,
da sua beleza no projeto de Deus.
Jesus, Maria e José,
ouvi-nos e acolhei a nossa súplica.
Ámen.*

(Papa Francisco)

Deus no centro... ...o desafio e convite para um novo ano

Nm 6,22-27 «Foram apressadamente e encontraram Maria, José e o menino deitado na manjedoura.

Sl 66 (67) Depois de terem visto, começaram a divulgar o que lhes tinham dito a respeito daquele

Gl 4,4-7 menino. Todos os que ouviram se admiravam do que lhes diziam os pastores. Quanto a

Lc 2,16-21 Maria, conservava todas estas coisas, ponderando-as no seu coração.

E os pastores voltaram, glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham visto e ouvido, conforme lhes fora anunciado.

Quando se completaram os oito dias, para a circuncisão do menino, deram-lhe o nome de Jesus indicado pelo anjo antes de ter sido concebido no seio materno.»

(Lc 2, 16-21)



que me deu uma nova luz sobre este Evangelho já tão conhecido, foi um *tweet* do Papa Francisco:

“Neste Sínodo da Amazônia nós sentimos a necessidade de nos colocarmos a nós próprios perante o Senhor, colocá-Lo de novo no centro, quer pessoalmente quer como Igreja. Porque apenas podemos proclamar o que vivemos.”

(@pontifex, 27/10/2019)

Os pastores tiveram esta dinâmica de aproximação ao Senhor, de se colocar perante Jesus. E nós, de quem nos aproximamos? Quando é que nos colocamos perante Jesus? Não me tem sido nada fácil parar e aproximar-me do Senhor. Por outro lado, ou talvez por essa razão, ando sempre inquieto com o mundo, que sinto sempre cheio de individualismo, desunião, fome, guerra. Se queremos fazer mais e melhor, neste ano que hoje começa, se queremos mudar o mundo que às vezes até nos incomoda, temos que nos treinar a colocarmo-nos diante do Senhor e a colocá-lo a Ele no centro da nossa vida. Treinar a humildade dos pastores, treinar a abertura de Maria à vontade de Deus, treinar a bondade de José... Cada um terá que procurar aquilo que precisa mais de exercitar e fazer crescer. Porque os grandes desafios exigem uma preparação ainda maior...

Hoje celebramos Santa Maria, Mãe de Deus, e não deixa de ser curioso que, para tal evocação, tenha sido escolhido um Evangelho que apenas nos diz que *“conservava todas estas coisas, ponderando-as no seu coração”*. Em boa verdade, já diz muito. Maria tinha acabado de ser mãe de uma criança que sabia ser especial; tão especial que ela não poderia sequer imaginar quanto e como. A todas as dúvidas de qualquer pai ou mãe somava-se esse grande mistério. E eis que chegam uns pastores, à procura do seu filho recém-nascido, porque seria Ele o Messias! A única opção sensata seria mesmo ponderar todas estas coisas no coração... A

nós, pais, mães, professores, o que nos ensina Maria? Conseguimos deixar que “os nossos” cresçam fazendo um caminho que não conhecemos nem podemos controlar? Sabendo que isso nunca será fácil, onde vamos então buscar força e serenidade para o fazer?

Para os pastores, não terá sido indiferente encontrarem um menino humilde, sem um sítio confortável para vir ao mundo. E se o Messias não tinha nascido num palácio, o Senhor também não tinha anunciado o seu nascimento a reis e poderosos, mas aos seus filhos mais humildes. Os pastores, depois de terem visitado o Menino Jesus, partiram dando graças e louvando a Deus. Como diria o Papa Francisco, foram proclamar o que viviam.

Os pés descalços na noite húmida e fresca, que o verão já lá vai. A sorte é o segurança do hotel chique não o empurrar para fora do parco abrigo que aquele recanto lhe oferece. A indiferença de turistas e lisboetas é o menor dos males, a fome e o frio julgo que sejam bem piores. E eu, que já os tinha visto por ali muitas vezes, hoje reparei nos pés descalços a sair da manta curta e dos cartões.

Senti-me muito pequeno, perdido, impotente. Tirei uma foto, ao longe, da rua escura e molhada, onde se cruzam turistas alegres e lisboetas apressados com estes pobres sem tecto, sem espaço na cidade, na sociedade. E há dinheiro para tanta coisa, mas não para que todos tenham um canto digno do nome de lar, onde reclinar a cabeça numa almofada macia em vez do mármore duro. Dá que pensar na cidade, país, sociedade, mundo que estamos a construir para os nossos filhos, que exemplo lhes estamos a dar.

E vem-me imediatamente à memória a maneira como Jesus pediu que amássemos os mais pequenos, mais frágeis e indefesos. Não foi certamente a deixá-los dormir ao relento, os pés descalços na noite fresca e húmida.



(JR Moreira, Lisboa, Outubro de 2019)

Viemos do Oriente adorar o Rei

Is 60,1-6 «Tendo nascido Jesus na cidade de Belém, na

SI 71 (72) Judeia, no tempo de Herodes, eis que alguns magos do Oriente chegaram a Jerusalém, perguntando: “Onde está o rei dos judeus,

Ef 3,2-3a.5-6 que acaba de nascer? Nós vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo.”

Mt 2,1-12 Ao saber disso, o rei Herodes ficou perturbado assim como toda a cidade de Jerusalém. Reunindo todos os sumos

sacerdotes e os mestres da Lei, perguntava-lhes onde o Messias deveria nascer. Eles responderam: “Em Belém, na Judeia, pois assim foi escrito pelo profeta: E tu, Belém, terra de Judá, de modo algum és a menor entre as principais cidades de Judá, porque de ti sairá um chefe que vai ser o pastor de Israel, o meu povo.

Então Herodes chamou em segredo os magos e procurou saber deles cuidadosamente quando a estrela tinha aparecido. Depois os enviou a Belém, dizendo: “Ide e procurai obter informações exatas sobre o menino. E, quando o encontrardes, avisai-me, para que também eu vá adorá-lo.”

Depois que ouviram o rei, eles partiram. E a estrela, que tinham visto no Oriente, ia adiante deles, até parar sobre o lugar onde estava o menino.

Ao verem de novo a estrela, os magos sentiram uma alegria muito grande.

Quando entraram na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Ajoelharam-se diante dele, e o adoraram. Depois abriram seus cofres e ofereceram-lhe presentes: ouro, incenso e mirra.

Avisados em sonho para não voltarem a Herodes, retornaram para a sua terra, seguindo outro caminho.» (Mt 2,1-12)



Quando Jesus nasce no nosso coração, na nossa vida, uma nova luz ilumina o nosso olhar sobre o mundo. Foi o que sucedeu com os Magos vindos do Oriente.

A Palavra de hoje, tão conhecida entre nós, remete-nos para uma nova perspectiva e ajuda a situar-nos e orientarmo-nos na procura do Caminho para a nossa vida.

Qual o sentido maior da nossa vida? Para onde e o que nos tem conduzido tudo aquilo que somos, que fazemos, que pensamos, que dizemos, que caminhamos, que lemos, que ouvimos, que aprendemos, que ensinamos, que recebemos, que damos, que festejamos, que choramos, que esclarecemos, que duvidamos?

Qual o nosso objetivo de vida? Qual a nossa missão? Se a nossa missão é conhecer, viver e anunciar Jesus, qual é a Estrela que nos guia?

Desde o nosso Batismo, a vocação da nossa vida é clara: para vivermos e amarmos como Deus nos pede e como Jesus, temos de nos amar uns aos outros como Ele nos amou.

O caminho para Jesus é o caminho do amor: amor a Deus, Pai e Filho e Espírito Santo e amor àqueles com quem vivemos, trabalhamos, nos cruzamos, desde logo na nossa família, em casa, no nosso prédio, na escola, no trabalho, na Comunidade, no supermercado, no trânsito, no desporto, no lazer...

E como procurar o Caminho, decidir pelo melhor?

Os Magos do Oriente ensinam-nos: seguindo a Estrela e aquilo que nos faz feliz, sentindo e desviando-nos do que poderá ser negativo ou trazer mal ao mundo ou a alguém.

Também este Evangelho nos ilumina quanto ao modo de seguir a Estrela e de encontrar Jesus, fazendo-nos sentir uma alegria muito grande:

Em primeiro lugar, o Evangelho impele-nos à procura e a procura ao movimento, ao ir atrás até encontrar, a fazer caminho de mudança ao invés de ficar parado. Diferentemente dos Reis Magos que vêm do Oriente a Belém, que saem da sua zona, da sua origem, do seu «eu», que fazem e mudam caminho para a sua meta, o Rei Herodes fica parado no mesmo sítio, «manda chamar» os Magos, pergunta-lhes onde está Jesus e pede para o virem avisar quando souberem, permanece fechado no seu medo e no desejo de controlo e nada faz... Como refere o Papa Francisco, *«uma igreja em saída até aos extremos confins requer constante e permanente conversão missionária. Quantos santos, quantas mulheres e homens de fé nos dão testemunho, mostrando como possível e praticável esta abertura ilimitada, esta saída missionária ditada pelo impulso urgente de amor e da sua lógica intrínseca de dom, sacrifício e gratuidade»* (cfr. 2 Cor. 5, 14-21).

Em segundo lugar, o Evangelho indica-nos que encontraremos Jesus, procurando e seguindo a Estrela. A nossa Estrela é a Palavra de Deus, é o silêncio, é o toque de Deus na nossa oração e a luz no dia-a-dia, é o «arder do nosso coração». Iremos mais longe e com maior confiança, se pararmos para encontrar a Estrela, se fizermos silêncio para a procurarmos e escutarmos, se identificarmos o que levamos por dentro e aquilo que nos é pedido em cada momento e se, tendo ouvido, confiarmos que é o Caminho que nos levará a uma vida melhor, ainda que não o vejamos, que seja difícil, que seja contrário àquilo para que o mundo apela...



Em terceiro lugar, este Evangelho diz-nos que a meta impulsionará

para o dom e a gratuidade, pois é esse o fim pelo qual estamos aqui no mundo. É a dar, a sair para fora de nós e do confortável, a dirigirmos ao outro e a acolhermos o outro – o que é, o que pensa, o que nos diz, o que faz, o que não faz, o que não diz – que recebemos, que crescemos, que encontramos e fazemos caminho e que chegamos e amamos a Jesus.

Em quarto lugar, a Palavra de hoje revela-nos que, ao procurarmos a nossa meta, ao sairmos de nós, ao oferecermo-nos como presentes e ao abriremos os nossos cofres aos outros, Deus olha por nós, estamos seguros, podemos Confiar, veremos os sinais e perceberemos a direção, as pessoas e os lugares a que iremos. Os Magos foram avisados em sonho para retornarem por outro caminho sem passar pelo Rei Herodes e assim o fizeram, evitando o mal. Daqui também podemos retirar como lidar com o mal: podemos evitá-lo, contorná-lo, escolher outro caminho que nos mantenha persistentes no nosso fim, que é Jesus e o anúncio do Seu amor.

Sinto que, quando Jesus irrompe na nossa vida, nos toca e nos guia, através da oração, do silêncio e dos outros, vamos, a pouco e pouco, dia-a-dia, fazendo o nosso caminho, construindo o nosso templo e cumprindo a nossa missão: conhecer, amar, adorar e oferecer-nos a Jesus, em todos os outros que nos rodeiam. E tudo muda!

É a mudança e a conversão missionária, ainda que com muitas quedas, dúvidas e/ou dificuldades e/ou tristezas.

A vida é como um puzzle daqueles em que as peças não saem e nós apenas o podemos construir e completar mexendo e procurando o lugar certo, ou melhor, para cada peça, em cada momento, com muita paciência, persistência e desejo de amar. É preciso, **acima de tudo, manter o FOCO em JESUS e seguir a ESTRELA com a confiança de que, no fim, e também no caminho, o AMOR vencerá.**

Um coração criativo

«CADA UM DE NÓS ESTÁ AQUI para participar na criatividade de Deus, adicionando qualquer coisa de nós próprios à criação.

Trabalho bom, trabalho criativo, é qualquer trabalho que torna o mundo à nossa volta um lugar melhor e mais humano para viver. Não é apenas criando algo novo que nos tornamos “criativos”. É cuidando daquilo que há de bom no mundo que nos torna artistas da nossa própria vida. Aquilo que nós fazemos para embelezar o mundo é um serviço da alma que toca as almas à nossa volta, além de levar a nossa à plenitude.

É impossível fazer seja o que for que apenas nos afete a nós. Todo o bem que fazemos torna o mundo melhor. Todo o mal que fazemos, inclusive a nós próprios, torna-o pior para alguém. O trabalho, por si só, não é necessariamente bom. Os traficantes de droga trabalham; os vendedores de armas trabalham; os piratas informáticos trabalham. Não, para ser um bom trabalho, tem de ser um trabalho que não faça mal a ninguém.

Trabalhar naquilo que gostamos muito de fazer é uma espécie de riqueza que nenhum salário, em qualquer tipo de emprego, poderá proporcionar. Uma coisa é ganhar a vida; outra coisa é construir a vida.

Até na prisão, fazer um trabalho de que gostamos muito pode fazer crescer a alma e salvar uma pessoa. O Birdman de Alcatraz subverteu todo o sistema da célebre prisão norte-americana, domesticando os pássaros que pousavam no parapeito da sua janela, em vez de deixar que toda a sua vida fosse desperdiçada em amargura e depressão. Quando fazemos alguma coisa bela, nós próprios ficamos belos.

Fazendo o nosso trabalho – seja ele qual for, por muito pequeno ou oculto que seja – o melhor que pudermos, aumentamos a qualidade de vida de toda a gente que nos rodeia. O trabalho produtivo melhora o mundo; o trabalho criativo enriquece o mundo; o trabalho santo torna o mundo num lugar melhor para todos nós.»

Ser filho, ser irmão: uma missão para toda a vida

Is 42,1-4.6-7 «E uma voz vinda do Céu dizia: “Este é o meu Filho muito amado, no qual pus todo o meu agrado”.»
Sl 28 (29) (Mt 3, 17)

At 10,34-38

Mt 3, 13-17 «Eis o meu servo, que Eu amparo, o meu eleito, que Eu preferi. Fiz repousar sobre ele o meu espírito, para que leve às nações a verdadeira justiça.

Ele não gritará, não levantará a voz, não clamará nas ruas.

Não quebrará a cana rachada, não apagará a mecha que ainda fumeja.

Anunciará com toda a fidelidade a verdadeira justiça.

Não desanimará, nem desfalecerá, até estabelecer na terra o direito, as leis que os povos das ilhas esperam dele.

Eu, o Senhor, chamei-te por causa da justiça, segurei-te pela mão; formei-te e designei-te como aliança de um povo e luz das nações; para abrires os olhos aos cegos, para tirares do cárcere os prisioneiros, e da prisão, os que vivem nas trevas.»

(Is 42, 1-4.6-7)

«Sabeis o que ocorreu em toda a Judeia, a começar pela Galileia, depois do batismo que João pregou: como Deus ungiu com o Espírito Santo e com o poder a Jesus de Nazaré, o qual andou de lugar em lugar, fazendo o bem e curando todos os que eram oprimidos pelo diabo, porque Deus estava com Ele.»

(At 10, 37-38)

Está a terminar o tempo litúrgico do Natal. Mas, ao rezar as leituras deste domingo – o Batismo do Senhor – encontro, Senhor, um novo, e fundamental, recomeço: *“Este é o meu Filho muito amado, no qual pus todo o meu agrado.”*

Estas foram as palavras que Te lançaram, Jesus, na missão. Uma missão que também queres que viva, que vivamos, Contigo.

Esta missão radica em nos descobrirmos em Ti, Jesus, filhos de Deus. E filhos muito amados. Por isso, a missão não pode ser uma tarefa imposta. Tem de ser descoberta e acolhida, transformando-se, dessa forma, no motor da nossa vida.

A experiência desta filiação amorosa é algo que fundamenta toda a nossa vida.

Mas paro, no meu dia-a-dia, para Te dar tempo a que me dirijas as mesmas palavras que disseste a Jesus? Sabes, Pai, que muitas vezes negligencio e não alimento esta relação filial.

Quando entro em diálogo com Jesus, descubro que a sua maneira de ser Filho me abre à fraternidade: e esta é uma experiência que deve ser vivida por todos. Mas, infelizmente, isso ainda não acontece. Ainda há muitas pessoas que não sabem que são filhos muito amados. Que não vivem, nas suas vidas, essa experiência radicalmente diferente. Essa consciência, de que há pessoas, meus – nossos – irmãos, que ainda não fizeram essa experiência fundamental nas suas vidas, é um dos impulsos vitais que me leva, que nos leva, a esta missão concreta: anunciar a tempo e a destempo que Deus é Pai!

Só que emperro em vários momentos no dia-a-dia. Sinto-me incapaz para responder a essa missão. Sinto que as minhas forças, ou capacidades, não são suficientes.

Por isso, é fundamental regressar, uma e outra vez, ao diálogo, à oração com o Pai, com Jesus, com o Espírito e com Maria.

Escutar, na Palavra de Deus, o que Ele me diz: *“Eis o meu servo, que Eu amparo, o meu eleito, que Eu preferi. Fiz repousar sobre ele o meu espírito.”*

É necessário deixar que esta Palavra transforme a forma como olho para mim. Só assim sou capacitado para escutar o resto que me é dito: *“Para que leve às nações a verdadeira justiça.”*

Porque, tão importante como escutar que Deus me ama e é meu Pai, é escutar que Ele ama todos os outros e que também é seu Pai. E, para além disso, é fundamental escutar que me escolhe e envia a ser, nas circunstâncias concretas da minha vida, alguém que escolhe viver como filho ao jeito de Jesus. Viver assim é uma das formas de levar *“às nações a verdadeira justiça”*.

Sem dúvida que a relação com Deus me vai dizendo quem sou. Mas, se estou disponível, também me vai dizendo para quem sou. A relação com Deus é uma relação que sempre me leva aos outros, a todos os outros.

Isto é o envio: *“Eu, o Senhor, chamei-te por causa da justiça, segurei-te pela mão; formei-te e designei-te como aliança de um povo e luz das nações; para abrires os olhos aos cegos, para tirares do cárcere os prisioneiros, e da prisão, os que vivem nas trevas.”*

Não sou convidado a viver uma esperança passiva aguardando um futuro melhor, que acredito possível. Não! Sou interpelado a viver uma, e numa, esperança ativa que, através das minhas palavras e atos, procure construir, no quotidiano, uma realidade mais inclusiva e fraterna em todas as dimensões da minha vida: na família, com os amigos, no trabalho, na comunidade, na Igreja e com aqueles com quem me cruzo.

Acolhamos, diariamente, este amor que nos torna filhos, ao jeito de Jesus, e que nos coloca, tal como Jesus, em saída até aos outros: *“Deus ungiu com o Espírito Santo e com o poder a Jesus de Nazaré, O qual andou de lugar em lugar, fazendo o bem e curando todos os que eram oprimidos pelo diabo, porque Deus estava com Ele.”*

Depois de, no Natal, vivermos o espanto de um Deus que, por amor, se faz pequeno e frágil e vem até nós como bebé, aceitemos agora o desafio, para toda a vida, de procurarmos viver, cada vez mais, como filhos, ao jeito de Jesus, não apenas para nós, mas para todos os outros.



30. *A nossa missão começa com a experiência da oração, onde Deus, também através da Sua Palavra, transmite a Sua própria Vida e Amor por nós, como filhos e irmãos em Jesus. A nossa oração e diálogo íntimo e amoroso com Deus alimentam a nossa vocação e missão de viver e pregar o Evangelho.*

31. *Somente a partir de uma vida de oração e união a Deus podemos viver o verdadeiro seguimento de Jesus, moldar o Reino entre nós e criar ambientes fraternos no nosso mundo. Da mesma forma, só podemos dar frutos na nossa missão se permanecermos na Palavra e no amor de Jesus: “Aquele que permanece em Mim e Eu nele, dá muito fruto, porque separados de Mim nada podeis fazer” (Jo 15, 5.9).*

32. *Ser Cristo é o ideal supremo a que todos os membros da Família aspiram e que, com toda a justiça, apresentam a todas as pessoas na sua pregação e apostolado. Em comunhão com Jesus entregue por todos, transmitem apenas o Seu amor-vida sem adulteração ou desvalorização, fazendo com que as Suas palavras se realizem: “Quem a vós escuta, é a Mim que escuta” (Lc 10, 16); “Quem a vós recebe, é a Mim que recebe” (Mt 10, 40; cf. Mc 9, 37; Lc 9, 48; Jo 13, 20).*

39. *A realidade de tantas pessoas com o coração partido e vazio pela ausência do amor e da vida de Deus incita-nos. Por elas, queremos viver, oferecer e anunciar o Reino, com a vida e com a palavra, permitindo que Deus ame, integre e liberte os nossos corações pelo amor que derrama em nós.*

62. *A experiência existencial de saber-se amado, reconciliado ou em processo de reconciliação, faz-nos viver como filhos no Filho (cf. Mt 3, 17). Este encontro pessoal e tratamento familiar de intimidade afetiva com Deus faz com que o nosso ministério da Palavra seja sempre acompanhado por um claro testemunho de vida, segundo o Evangelho. A união com Deus, em Cristo, é a maior fonte de amor, energia, fidelidade, entusiasmo e alegria de cada membro da FaMVD. Desta união surge um verdadeiro seguimento de Jesus, a transformação pelo Espírito Santo, a missão, assim como a realização de uma autêntica comunhão missionária.*

“Ora, eu vi e dou testemunho”

- Is 49,3.5-6 «Naquele tempo, João Baptista viu Jesus, que vinha ao seu encontro, e exclamou:
- Sl 39 (40) “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo. É Dele que eu dizia: ‘Depois de mim vem um homem, que passou à minha frente, porque era antes de mim’. Eu não O conhecia, mas foi para Ele Se manifestar a Israel que eu vim batizar na água”.
- 1 Cor 1,1-3
- Jo 1,29-34

João deu ainda mais este testemunho: “Eu vi o Espírito Santo descer do Céu como uma pomba e permanecer sobre Ele. Eu não O conhecia, mas quem me enviou a batizar na água é que me disse:

‘Aquele sobre quem vires o Espírito Santo descer e permanecer é que batiza no Espírito Santo’.

Ora, eu vi e dou testemunho de que Ele é o Filho de Deus”.»
(Jo 1, 29-34)





Quatro frases ditas por João Batista neste texto motivaram a minha oração deste dia.

1. João Batista começa por apresentar Jesus, como Aquele “que passou à minha frente, porque era antes de mim”. Na minha relação com Deus, sei bem que nem sempre vivo isto: este deixar que Ele seja tudo, que Ele cresça e eu diminua (como diz João Batista, numa outra passagem), que Ele esteja sempre à minha frente, neste duplo sentido: primeiro, porque é Ele quem me vai abrindo o caminho e eu sou um seguidor, um discípulo; depois, porque foi deste modo que Jesus nos ensinou a viver – em humildade e serviço, escolhendo o último lugar.

2. “Foi para Ele Se manifestar que eu vim” questiona-me muito fundo: para que vivo?

A pergunta sobre o porquê da nossa existência já muitos a colocam há milénios, desde filósofos e grandes sábios aos homens mais simples. Mais pragmática é esta do “para quê?” da vida. Para ser feliz e fazer outros felizes, para viver em harmonia e contribuir para ela, para descobrir com Jesus a resposta que Ele próprio deu, ao resumir assim o Seu “para quê”: “Eu vim para que tenham Vida e a tenham em abundância” (João 10, 10). O resto é mais ou menos secundário. Também nos dizem as Escrituras que cada um tem o seu dom e há muitos dons, todos necessários. Posso não ser capaz de pregar, ser demasiado tímido para me aproximar de outras pessoas, não ter jeito para esta ou aquela tarefa dentro da comunidade; aquilo que Jesus me pede que faça ou dê de mim próprio só no silêncio da oração o poderei descobrir. Mas viver de modo a que todos – a minha família e amigos, os meus colegas, aqueles com quem me vou cruzando – tenham vida em abundância é a vocação de qualquer cristão! Sim, mesmo aqueles que estão doentes, que são idosos, que se sentem inúteis, todos, são

chamados ao mesmo: dar o que receberam, passar aos outros a “vida em abundância” que só Deus dá.

3. “quem me enviou (...) é que me disse” – escutar e ir; receber a missão e fazer como Deus sugere.

Há momentos e circunstâncias em que isto se nos afigura muito difícil: porque nos é penoso rezar, porque nos parece que Deus está ausente, porque questionamos a missão que recebemos, porque nos apetece mudar, desistir, fazer de outro modo, porque achamos que o caminho não é por ali...

O segredo é este: escutar, como João Batista escutou, para ouvir o que Deus diz. Talvez Ele fale no silêncio e no deserto, o tempo e o “lugar” dos grandes encontros com Deus.

4. “Ora, eu vi e dou testemunho de que Ele é o Filho de Deus”. Quando conhecemos alguém, falamos sobre esse alguém; e quanto mais gostamos da pessoa, mais falamos dela!

Quando Jesus nos toca o coração, Se nos dá a descobrir, nos chama para estar com Ele e para nos enviar, é isto que acontece: passamos a dar testemunho de que Jesus é o Filho de Deus, que foi Ele Quem nos mudou a vida. Parece que vivemos uma vida exatamente igual: vamos aos mesmos sítios, fazemos as mesmas coisas, vivemos com as mesmas pessoas. Mas tudo mudou! Dar testemunho não é ter muitas atividades: é viver com Jesus, acreditando que Ele é Deus, escutando-O e falando com Ele; aceitando o desafio de que as Suas palavras nos mudem a vida.

Introdução

Já em 2016 o Papa Francisco tinha pedido que se pensasse num “domingo dedicado inteiramente à Palavra de Deus, para compreender a riqueza inesgotável que provém daquele diálogo constante de Deus com o Seu povo” (*Misericordia et misera*, 7). É, por isso, um sonho antigo do Papa que agora se concretiza: através da Carta Apostólica “*Aperuit illis*”, de setembro de 2019, fica estabelecido “que o III Domingo do Tempo Comum seja dedicado à celebração, reflexão e divulgação da Palavra de Deus”.

Deixamos alguns excertos desse documento.

CARTA APOSTÓLICA “APERUIT ILLIS” DO PAPA FRANCISCO PELA QUAL SE INSTITUI O DOMINGO DA PALAVRA DE DEUS (excertos)

1. «Abriu-lhes o entendimento para compreenderem as Escrituras» (Lc 24, 45). Trata-se de um dos últimos gestos realizados pelo Senhor ressuscitado, antes da Sua Ascensão. Encontrando-se os discípulos reunidos, Jesus aparece-lhes, parte o pão com eles e abre-lhes o entendimento à compreensão das Sagradas Escrituras.

A relação entre o Ressuscitado, a comunidade dos crentes e a Sagrada Escritura é vital para a nossa identidade.

2. (...) A dedicação dum domingo do Ano Litúrgico particularmente à Palavra de Deus permite, antes de mais nada, fazer a Igreja reviver o gesto do Ressuscitado que abre, também para nós, o tesouro da Sua Palavra, para podermos ser no mundo arautos desta riqueza inesgotável.

(...) É bom que não venha jamais a faltar na vida do nosso povo esta relação decisiva com a Palavra viva, que o Senhor nunca Se cansa de dirigir à sua Esposa, para que esta possa crescer no amor e no testemunho da fé.

3.(...) Este Domingo da Palavra de Deus colocar-se-á, assim, num momento propício daquele período do ano em que somos convidados a reforçar os laços com os judeus e a rezar pela unidade dos cristãos. Não se trata de mera coincidência temporal: a celebração do *Domingo da Palavra de Deus* expressa uma valência ecuménica, porque a Sagrada Escritura indica, a quantos se colocam à sua escuta, o caminho a seguir para se chegar a uma unidade autêntica e sólida.

4. (...) A Bíblia não pode ser património só de alguns e, menos ainda, uma coletânea de livros para poucos privilegiados. Pertence, antes de mais nada, ao povo convocado para a escutar e se reconhecer nesta Palavra. (...) A Bíblia é o livro do povo do Senhor que, escutando-a, passa da dispersão e divisão à unidade. A Palavra de Deus une os crentes e faz deles um só povo.

5. (...) Se nos detivermos a meditar e rezar sobre o texto sagrado, então seremos capazes de falar com o coração para chegar ao coração das pessoas que escutam, de modo a expressar o essencial que é recebido e produz fruto. Nunca nos cansemos de dedicar tempo e oração à Sagrada Escritura, para que seja acolhida, “não como palavra de homens, mas como ela é realmente, palavra de Deus” (1 Ts 2, 13).

7. (...) Uma vez que as Escrituras falam de Cristo, consentem acreditar que a sua morte e ressurreição não pertencem à mitologia mas à história, e encontram-se no centro da fé dos seus discípulos.

É profundo o vínculo entre a Sagrada Escritura e a fé dos crentes. Sabendo que a fé vem da escuta e a escuta se centra na Palavra de Cristo (cf. Rm 10, 17), daí se vê a urgência e a importância que os crentes devem dar à escuta da Palavra do Senhor, tanto na ação litúrgica, como na oração e reflexão pessoais.

8. O dia dedicado à Bíblia pretende ser, não «uma vez no ano», mas

uma vez por todo o ano, porque temos urgente necessidade de nos tornar familiares e íntimos da Sagrada Escritura e do Ressuscitado, que não cessa de partir a Palavra e o Pão na comunidade dos crentes. Para tal, precisamos de entrar em confiança assídua com a Sagrada Escritura; caso contrário, o coração fica frio e os olhos permanecem fechados, atingidos, como somos, por inumeráveis formas de cegueira.

9. (...) A Bíblia não é uma coletânea de livros de história nem de crônicas, mas está orientada completamente para a salvação integral da pessoa.

(...) Tudo está orientado para esta finalidade inscrita na própria natureza da Bíblia, composta como história de salvação na qual Deus fala e age para ir ao encontro de todos os homens e salvá-los do mal e da morte.

10. A ação do Espírito Santo não diz respeito apenas à formação da Sagrada Escritura, mas atua também naqueles que se colocam à escuta da Palavra de Deus.

11. (...) antes de se tornar um texto escrito, a Palavra de Deus foi transmitida oralmente e mantida viva pela fé dum povo que a reconhecia como sua história e princípio de identidade no meio de tantos outros povos. Por isso, a fé bíblica funda-se sobre a Palavra viva, não sobre um livro.

12. (...) Quem se alimenta dia a dia da Palavra de Deus torna-se, como Jesus, contemporâneo das pessoas que encontra; não se sente tentado a cair em nostalgias estéreis do passado, nem em utopias desencarnadas relativas ao futuro. (...) Por isso, é necessário que nunca nos abeiremos da Palavra de Deus por mero hábito, mas nos alimentemos dela para descobrir e viver em profundidade a nossa relação com Deus e com os irmãos.

13. A Palavra de Deus apela constantemente ao amor misericordioso do Pai, que pede a seus filhos para viverem na caridade. A vida de Jesus é a expressão plena e perfeita deste amor divino, que nada guarda para si, mas a todos se oferece sem reservas. (...)

Escutar as Sagradas Escrituras para praticar a misericórdia: este é um grande desafio lançado à nossa vida.

A Palavra de Deus é capaz de abrir os nossos olhos, permitindo-nos sair do individualismo que leva à asfixia e à esterilidade enquanto abre a estrada da partilha e da solidariedade.

15. No caminho da recepção da Palavra de Deus, acompanha-nos a Mãe do Senhor, reconhecida como bem-aventurada por ter acreditado no cumprimento daquilo que Lhe dissera o Senhor (cf. Lc 1, 45). (...) Lembra-o um grande discípulo e mestre da Sagrada Escritura, Santo Agostinho: “Uma pessoa do meio da multidão, cheia de entusiasmo, exclamou: ‘Bem-aventurado o ventre que Te trouxe’. E Ele: ‘Mais felizes são os que ouvem a palavra de Deus e a guardam’. Como que a dizer: também a Minha Mãe, a quem tu chamas bem-aventurada, é bem-aventurada justamente porque guarda a palavra de Deus, (...).

Possa o domingo dedicado à Palavra fazer crescer no povo de Deus uma religiosa e assídua familiaridade com as sagradas Escrituras (...).

Roma, 30 de setembro de 2019, memória litúrgica de São Jerónimo

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documenti/papa-francesco-motu-proprio-20190930_aperuit-illis.html.

parte III

Introdução

Esta parte do Caderno traz-nos testemunhos: testemunhos de vida, de Vida, recebida e dada, partilhada, distribuída generosamente, vivida de forma fecunda, para dar muito fruto.

E é este o ponto comum entre uma missão de um grupo de 40 pessoas junto de populações do interior do país e os 25 anos de um casamento – os testemunhos que apresentamos.

O lema da missão era “A alegria do encontro”, que podia ser também, afinal, o título do texto no qual a Raquel e o Quim nos contam a sua história.

Vidas cheias de encontros com Aquele que nos dá Vida e que gera Vida em nós para que a demos também a outros; com Aquele que nos faz descobrir a alegria e que Se alegra connosco e por nós, por cada passo dado, por cada momento vivido e repartido.

“A alegria do encontro” é também aquela que somos chamados a viver, de forma especial, neste tempo de Advento e de Natal: a alegria de descobrirmos um Deus que vem ao nosso encontro e nos leva a ir ao encontro de outros.

“Quando o Amor vos chame, segui-O...”

PARTILHA - 25 ANOS DE CASAMENTO

Bilhete de Identidade

Raquel e Quim, 48 anos de idade.

Casados há 25 anos (27-08-1994 /2019) com o lema: *“Crescei e multiplicai-vos”* Gn 1, 28

Dois filhos de 21 e 13 anos. Médicos desde 1995.

Casal Missionário da Fraternidade Missionária Verbum Dei desde 2006.



Antes

Crescemos em famílias católicas, com pais participativos nas respetivas vidas paroquiais. Desde cedo fomos interpelados pelas histórias de vidas missionárias em África: “estaria Deus a convidar-nos?”

Conhecemo-nos no primeiro ano da faculdade. No ano anterior a Raquel começou a frequentar as eucaristias da Verbum Dei e, no Verão, tinha ido ao Encontro Internacional VD prévio ao Encontro Mundial com o Papa em Santiago de Compostela. Cheia de espírito missionário ia frequentemente ao encontro do Quim, tímido e reservado, integrando-o no grupo de colegas. Após um ano de namoro, pedimo-nos “um tempo”; ambos precisávamos de entender o que fazer daquela anterior inquietação missionária. Nessa altura, a Mari Cármen, missionária VD, acompanhava de perto a Raquel e ajudou-a no seu discernimento: alguns sinais pareciam indicar que uma vida a dois seria o caminho.

A nossa história a 3 e a 5

Casámo-nos antes do último ano do curso. Fizemos esta “loucura”, de casar sem estar ainda a trabalhar, porque simplificámos um conjunto de requisitos básicos (lua de mel no Alentejo sem custos, casa mobilada com “sobras” de outros, presentes de casamento em dinheiro para suportar as despesas de um ano...), porque fomos apoiados pelas missionárias Mari Cármen e Núria(desde 1992 acompanhava o Quim) – grandes mulheres de fé –, porque acreditámos que unidos pelo sacramento multiplicávamos o nosso amor um pelo outro e pelo mundo e porque os nossos pais (obrigada!) se disponibilizaram a ser suporte, em caso de necessidade. Sentíamos claramente que éramos 3 – nós e Deus – e que Ele estava a nosso favor! Da Sua parte, sobretudo nos retiros anuais de 8-10 dias que nunca mais deixámos de fazer, ouvíamos um apelo forte: *“Crescei e multiplicai-vos!”* (Gn 1,28) que entendíamos como o Seu sonho de que fossemos muito felizes e muito fecundos.

Quando casámos, para além das nossas revisões de vida, começámos a colaborar nos grupos de namorados e casais que se tinham formado cerca de 2 anos antes. Em 1998 nasce o André e depois, em 2006, a Margarida. Em 1999, depois de um retiro

pregado pelo Jaime Bonet, a Raquel sentia o apelo forte a dedicar-se por inteiro à missão VD enquanto ao Quim parecia claro que a sua vocação era dar vida na Medicina... surgiram dúvidas perturbadoras: 1) ter-nos-íamos equivocado ao casar-nos? 2) estaria Deus agora a pedir-nos coisas distintas a que cada um deveria ser fiel pessoalmente sem questionar o casamento?... Tínhamos estas questões porque as concretizações que vivíamos, fruto das distintas chamadas, pareciam separar-nos...

Por essa altura surgiu na comunidade a canção *“Ao ritmo de Deus”* que se tornou a nossa oração: *“Quando o Amor vos chame, segui-O ainda que mude sonhos...Não temais, segui ao ritmo de Deus”*. Foram anos de permanecer habitados por perguntas, de procurar ser fiéis ao essencial (que é sempre o respeito profundo por cada pessoa, que é sempre o amor), de passos mais seguros e outros mais empurrados (um pelo outro ou pela comunidade – a Ventura nesta etapa torna-se presença de Deus para nós, acompanhando-nos ao México em 2003, ao primeiro grande encontro mundial de casais Verbum Dei onde se reabriram os caminhos da consagração em casal ao carisma e missão VD). O Simpósio do México e todo o caminho percorrido reacendeu em ambos a consciência do muito recebido através do carisma e a experiência forte de amor e fidelidade de Deus à Humanidade – vimo-lo na história da Verbum Dei e na nossa própria história! Tornou-se necessidade para ambos dedicar cada vez mais as nossas vidas a proporcionar essa experiência existencial a outros. Assim, em 2006 fizemos os primeiros vínculos como casal missionário da Fraternidade Missionária VD porque Jesus dava um novo alento à nossa vida, porque estávamos agradecidos pela confiança que tinha depositado em nós e porque nos fazia ver a missão Verbum Dei como um caminho espantoso para abrir as portas do Seu Reino de Amor a muitos dos Seus filhos!

25 anos depois...

A fé é o tesouro

“Jesus falou-lhes de muitas coisas em parábolas: «O Reino do Céu é semelhante a um tesouro escondido num campo, que um homem encontra. Volta a escondê-lo e, cheio de alegria, vai, vende tudo o que possui e compra o campo.»” Mt 13, 44-45

A Fé tem sido o nosso tesouro! A fé em Deus e em Jesus Cristo, que nos foi dada pelos nossos pais e por todos os que caminharam conosco nestes anos. Por este tesouro vale a pena não viver à procura de outras experiências, de outros projetos que até nos poderiam dar prestígio e sucesso, e vale a pena viver, por vezes, contra a corrente.

Claro que não somos esse homem que encontrou o tesouro e deixou tudo; somos mais “normais” mas vamos fazendo este caminho de reconhecer o tesouro e de ir atrás dele, de o desejar, de cavar em nós essa sede que só esse tesouro pode preencher.

Olhando para trás agradecemos ao Senhor por ter sido tão bom para nós nestes 25 anos! Claro que tivemos e temos problemas mas procuramos fazer uma leitura mais redentora da nossa história; os problemas estão, mas a presença de Deus tem sido constante e salvadora no meio das dificuldades. Um parêntesis - fazer uma leitura redentora da nossa história é meio caminho andado para sermos mais felizes - há estudos que o afirmam. A Fé é um grande tesouro pois no meio das circunstâncias que a vida nos traz dá uma esperança e uma segurança mais funda de que nada nos pode separar do amor e da felicidade que Deus dá.

Pensamos na continuação desta história contada por Jesus - O que é que o homem fez com aquele tesouro? Como cuidou dele?

Para nós a resposta pode estar na outra leitura que escolhemos

para celebrar as nossas Bodas de Prata:

“O SENHOR apareceu a Abraão junto dos Carvalhos de Mambré, quando ele estava sentado à porta da sua tenda, durante as horas quentes do dia. Abraão ergueu os olhos e viu três homens de pé em frente dele. Imediatamente correu da entrada da tenda ao seu encontro, prostrou-se por terra e disse: «Meu Senhor, se mereci o teu favor, peço-te que não passes adiante, sem parar em casa do teu servo. Um deles disse: «Passarei novamente pela tua casa dentro de um ano, nesta mesma época; e Sara, tua mulher, terá já um filho.»” Cf. Gn 18, 1-10.

Deus está à nossa porta como esteve na de Abraão e Sara. Podemos ou não abrir-lha e convidá-lo a entrar... Ele não se impõe...

Deus é quem garante o amor

A nossa vida tem sido experimentar que Deus é quem garante o amor na nossa vida. E, por isso, convidamo-lo a entrar e a ficar connosco. Estamos longe de ser perfeitos, de pensar ou de querer ambos da mesma forma. Somos mesmo opostos em muitas coisas. Mas acreditamos que Ele nos uniu e que é Ele quem sustenta a nossa doação um ao outro. Ele é quem completa as nossas intenções que são sempre muito perfeitas mas, depois, muito incompletas nas concretizações. Ele é quem perdoa a fundo as nossas faltas; sozinhos não temos capacidade para nos perdoar assim, mas Ele dá-nos essa possibilidade porque, Ele sim, perdoa a 100%.

A promessa

Quando nos casámos a Mari Cármen deu-nos uma fotografia de uma flor com a frase "*Na vida só permanece aquilo que se renova em cada dia*".

E nós temos interiorizado essa mensagem ao longo da nossa vida porque o nosso amor necessita de ser cuidado, recriado e

renovado. Mas não se renova por magia, renova-se se lhe dedicarmos tempo e intenção. Renova-se se permanecermos juntos com Deus nas circunstâncias, nos contextos que vivemos, nas situações que a vida nos coloca - e 25 anos já permite viver situações de todo o tipo. Porque é na vida concreta que se pode experimentar esta certeza de São Paulo "*nada nos pode separar do amor de Jesus - nem a fome, nem a nudez, nem a perseguição*" (cf. Rm 8). Talvez não consigamos dizer isto com a força de S. Paulo mas, pelo menos, podemos ver momentos em que isto foi verdade na nossa vida e na vida de muitos.

A comunidade

Isto é muito difícil sozinhos... caminhámos juntos e muitos foram a resposta de Deus para nos ajudar neste projeto de casal.

Precisamos, nós temos precisado, de uma comunidade e de um amor comunitário para garantir um amor duradouro e feliz. E para conseguirmos cuidar do tesouro. Há aquele provérbio que diz "para educar uma criança é preciso uma aldeia"; isso também é verdade para formar um casal.

Aquele outro ditado – "entre marido e mulher não se mete a colher" pode gerar muito sofrimento; por vezes é mesmo necessário um apoio externo, uma intervenção externa. Nós pedimos e aceitámos, várias vezes, ajuda da comunidade e de técnicos. Porque para nós, o amor conjugal é um tesouro a preservar e pelo qual vale a pena fazer tudo o que for necessário para o preservar!

Fecundidade

A última mensagem que queremos deixar está relacionada com a promessa de fecundidade que foi dada a Abraão e a Sara. Não se trata apenas de filhos – o que já é uma grande empreitada – trata-se de viver a nossa vida como uma missão que nos é confiada. O Papa tem-no repetido – "*Toda a vida é uma missão*". E essa missão

é a mesma para todos nós - construir um mundo melhor, uma casa para todos. Acreditamos na promessa de que é possível ! A nossa missão é esta: dizer que Deus vive, dizer que o Reino de Deus já existe, que é possível, que podemos viver como irmãos, que podemos ser uma comunidade que se ama e que se entreajudam.

Nós acolhemos esta missão. Como família, sendo uma comunidade de vida e amor que procura ser um sinal do amor de Deus para com todos. E, como casal missionário, com este carisma de anunciar o amor de Deus por todos e ajudar a que outros façam o mesmo com o nosso testemunho de vida, a oração e o anúncio da Palavra de Deus.

Quando o nosso fundador Jaime Bonet descobriu a sua vocação de padre pensava em ir trabalhar com leprosos em África mas reconheceu o convite de Deus a dedicar-se a mudar os corações e as mentalidades, porque se conhecêssemos o amor de Deus passaríamos a ser irmãos e a querer juntos o bem de todos. Esta continua a ser hoje a nossa "fezada", este tem sido o nosso "Fio".

Há um fio que tu segues. Ele permanece entre as coisas que mudam. Ele não muda.

As pessoas questionam-se sobre o que persegues. Tens de explicar-lhes sobre o fio. Mas é difícil para os outros vê-lo. Enquanto o seguras não te podes perder.

As tragédias acontecem; as pessoas ferem-se ou morrem; e tu sofres e envelheces. Nada do que fazes impede o curso do tempo. Nunca largues o fio.

“The way it is”, William Stafford (1914-1993)

Testemunho Missão Oliveira do Hospital (missa 19.10.2019)

A Missão Verbum Dei em Oliveira do Hospital nasceu da vontade de um grupo de 40 pessoas da Comunidade de Lisboa de ser Igreja em saída. Em resposta ao apelo do Papa Francisco, este grupo missionário aceitou o desafio de partir das fronteiras da paróquia e da Verbum Dei Lisboa ao encontro de uma outra comunidade, a de Oliveira do Hospital, onde o padre António Loureiro (cujá

vocação nasceu na Verbum Dei) fez a ponte. Como lema da missão foi escolhida a frase "A Alegria do Encontro". O hino da Missão tinha como refrão a frase: "Tu és a alegria de Deus!". E foi com esta certeza de que cada um de nós é a alegria de Deus, que partimos para uma semana de missão na vila de Lagares da Beira e em Oliveira do Hospital levando a todo o lado essa mensagem de esperança. E a todo o lado foi: aos lares de idosos que visitámos, às crianças dos ATL com quem brincámos, às pessoas do "Porta à Porta" com que nos cruzámos, às pessoas que nos receberam em casa e as que, connosco, estiveram nas celebrações que animámos nas duas paróquias.

Agradecemos a Deus termos podido viver esta Missão com a Verbum Dei, termos tido saúde, termos podido ter férias e usá-las para a Missão.



OLIVEIRA DO HOSPITAL
27 JULHO A 4 AGOSTO



Agradecemos ter podido viver esta Igreja em saída com um grupo tão diverso, quer em idades, quer em situações de vida. Éramos 40 pessoas entre os 11 anos e os 74 anos, entre jovens, crianças, adultos, casais, famílias... enfim havia lugar para todas as idades e para a situação de cada um!! Foi também enorme diversidade de pessoas e idades, que enriqueceu tanto esta nossa Missão!

Agradecemos a Deus tudo o que vivemos nesta Missão, que foi muito mais do que um ato de solidariedade ou do que uma ação de bondade. Foi uma resposta ao convite que Jesus fez a cada um de nós. Um convite pessoal de Jesus, em que Ele chama cada um pelo seu nome. A resposta do nosso grupo a este convite tinha por base a Palavra de Deus, a oração e o testemunho de Vida, tentando levar Jesus Ressuscitado, às pessoas de Lagares da Beira e de Oliveira do Hospital.

Um grupo que se juntava diariamente pela manhã, para rezar em conjunto, que começava o seu dia com a palavra de Deus e com pistas de oração e que depois de tudo o que vivia e experienciava durante o dia recolhia tudo isso na oração com que terminava o dia,

na capela por nós construída. Temos a certeza que tudo o que vivemos nesta Missão, mais do que possível pelas nossas forças, só aconteceu com a enorme graça do Espírito Santo que tanto pedimos que nos acompanhasse.



Um grupo que reza junto e tem por base a palavra de Deus e a oração, torna-se poderoso e tem a maior arma consigo: o poder transformador do Amor.

“A Alegria do Encontro” foi o lema desta nossa Missão. Que bom lema! Não podia ter sido melhor escolhido. Encontro comigo, com o meu marido, que também estava na Missão, com a minha família também na Missão, com os outros missionários, com as pessoas de Oliveira e Lagares da Beira, encontro com Deus através de cada um, com quem nos fomos relacionando ao longo da semana de missão. E foi o encontro da Alegria! Da Alegria verdadeira, daquela que vem de Jesus e que é douradora, que permanece, que contagia! Não é barulhenta, nem espalhafatosa. Alegria que dá sentido à nossa vida e nos traz outro brilho ao olhar e outro sentido à nossa VIDA!!



A alegria que se viveu, o encontro com cada pessoa dos lugares que não só visitámos, mas principalmente habitámos, foi uma experiência que marcará para sempre as nossas vidas e nos faz querer viver em Missão!

Aquilo que vivemos naqueles dias foi de facto extraordinário, mas, ainda assim, estávamos em ambiente propício, com o tempo todo destinado à Missão, as refeições preparadas pelos lares que visitámos, e instalados numa escola muito acolhedora e com tão boas condições.

O maior desafio desta Missão começou no dia 5 de agosto, na segunda-feira a seguir ao término da Missão em Oliveira



do Hospital, quando regressei às minhas rotinas, ao meu emprego, às compras no supermercado, às rotinas da vida, que têm de ser feitas, mas não têm tanta "graça". Mas sinto que é aqui, em Lisboa, na minha casa, na minha família, na minha cidade, que Ele me continua a perguntar: "Ei tu, Cristina, posso contar contigo?" É aqui que está o maior desafio!

Que bom seria que mesmo não falando de Jesus, quem me rodeia, percebesse que O trago por dentro, este Jesus ressuscitado que sempre que O vivo e O experimento, transforma a minha vida, as minhas relações e me faz Amar mais. Será esta, de certeza, a missão de toda a minha vida!

Com a graça do Espírito Santo, vamos caminhando dia a dia para que a nossa vida vá sendo testemunho deste Jesus Ressuscitado!

Cada Pessoa é uma Missão!

"Para o Amor de Deus, ninguém é inútil nem insignificante. Cada um de nós é uma missão no mundo, porque é fruto do amor de Deus".

(Papa Francisco – Dia Mundial das Missões)

Cristina e Paulo Nogueira





Próximas Atividades da Família Missionária Verbum Dei Lisboa

Dezembro

1	<i>Adro Igreja Cpo Grande</i>	Feira de Natal
1	<i>Igreja Campo Grande</i>	Missa dos Jovens – 19h15
3 a 5		Retiro Online – Advento
11	<i>Casa da Palavra</i>	Formação Bíblica – 21h
14 e 15	<i>(local a definir)</i>	Encontro de Natal dos Jovens Fraternos
15	<i>Igreja Campo Grande</i>	Eucaristia de Natal - 19h15
15	<i>Casa da Palavra</i>	Vamos Rezar – 21h
17	<i>Casa da Palavra</i>	Pais à procura – 21h
31	<i>Casa da Palavra</i>	Oração de fim de ano – 16h

Janeiro

8	<i>Casa da Palavra</i>	Formação Bíblica – 21h
18	<i>Igreja Campo Grande</i>	Missa Aniversário Verbum Dei – 19h
19	<i>Casa da Palavra</i>	Vamos Rezar – 21h
21	<i>Casa da Palavra</i>	Pais à procura – 21h
24 a 26	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Silêncio

Fevereiro

2	<i>Igreja Campo Grande</i>	Missa dos Jovens – 19h15
2	<i>Casa da Palavra</i>	Vamos Rezar – 21h
7 a 9	<i>Vale de Lobos</i>	CPM
12	<i>Casa da Palavra</i>	Formação Bíblica – 21h
15	<i>Vale de Lobos</i>	Encontro de Casais – 10h/17h
15	<i>Casa da Palavra</i>	Missa da Comunidade – 18h
16	<i>Casa da Palavra</i>	Vamos Rezar – 21h
18	<i>Casa da Palavra</i>	Pais à procura – 21h
21 a 23	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Silêncio

Mais informações e inscrições em lisboa.verbumdei.org

Família Missionária Verbum Dei

Uma Família

A Família Missionária Verbum Dei (FaMVD), como o seu próprio nome indica, é primeiramente uma "Família" profundamente missionária e ao serviço da Palavra de Deus, formada por homens e mulheres de todas as culturas, línguas, nações e estados de vida. Os membros desta Família, movidos pela mesma missão e espiritualidade Verbum Dei, procuram seguir Cristo e transmitir a vida e o amor de Deus a todos os povos.

Três Ramos

No coração da Família Verbum Dei está a Fraternidade Missionária Verbum Dei (FMVD), uma Instituição de Vida Consagrada da Igreja Católica formada por pessoas que consagram a sua vida a Deus. Dela fazem parte:

_ Dois Ramos celibatários (que professam os votos de pobreza, castidade e obediência) - Missionárias e Missionários consagrados.

_ Casais Missionários - que se consagram a Deus através do sacramento do Matrimónio e de um compromisso solene que os vincula.

Fundada a 17 de Janeiro de 1963, em Maiorca (Espanha), pelo Rvdo. D. Jaime Bonet, a FMVD tem como Missão o anúncio da Palavra de Deus e a propagação do Seu Reino através:

- _ da oração;
- _ do ministério da Palavra;
- _ do testemunho de vida evangélica.



Centro de Evangelização Vale de Lobos
Rua Profª Rosa Génio Alves nº 7, 2715-395 Almargem do
Bispo
GPS N 38° 49' 15"; W 9° 17' 25"
Tel. Vale de Lobos - 21 962 42 84

Casa da Palavra
Largo João Vaz nº 15, 1700-151 Lisboa
Tel. 218 450 08 1

Fraternidade Missionária Verbum Dei
lisboa.verbumdei.org | contacto@lisboa.verbumdei.org | Tel. Lisboa
- 21 795 0957

cadernodeoracaovd@gmail.com